

*Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.*  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

www.incm.pt  
www.facebook.com/INCM.Livros  
editorial.apoiocliente@incm.pt

© *Belmiro Fernandes Pereira e Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

*Título:* Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento  
*Autor:* Belmiro Fernandes Pereira  
*Design de capa:* Silvadesigners  
*Livro composto em:* Futura BT e Adobe Caslon Pro  
*Impresso em:* Chromocard (capa), Coral Book Ivory (miolo)  
*Impressão e acabamento:* INCM  
*Concepção gráfica:* INCM  
*Revisão do texto:* Gisela Miravent  
*Tiragem:* 800 exemplares  
*1.ª edição:* Setembro de 2012  
*ISBN:* 978-972-27-1971-1  
*Depósito legal:* 328 834/11  
*Edição n.º* 1018242

Manuais Universitários

---

Belmiro Fernandes

---

Pereira

---

Retórica

---

e Eloquência

---

em Portugal

---

na Época

---

do Renascimento

---

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*libri tres* de que fala António Pinheiro como uma obra filológica sobre Quintiliano. Uma coisa porém temos por segura: não se pode confundir-la com o comentário publicado em 1538<sup>464</sup>.

### 3. Recepção da retórica humanista

Creemos ter já demonstrado quão larga e profunda foi a repercussão da tratadística europeia em Portugal. Primeiro predominou a produção italiana dos Valla, Poliziano, Negri, Dati, Flisco, Perotti, Nifo; depois, mercê da política cultural de D. Manuel e de D. João III, veio a prevalecer a influência do humanismo da área renano-flamenga que teve nas escolas de Paris e Lovaina o entreposto mais eficaz para a sua transmissão a Portugal; por fim, dividida a cultura europeia pela cisão provocada pela Reforma, a resposta do humanismo católico promovido pelas autoridades eclesiásticas, pela Companhia de Jesus e outras ordens, tornando-se programa político-religioso com a conclusão do Concílio tridentino, fez com que de novo ganhasse a primazia a produção de origem italiana. Colocamos assim Portugal no quadro ibérico no que tange à recepção da literatura retórica europeia, por razões anteriormente referidas, mas sobretudo por o caso português não apresentar grandes diferenças em relação ao resto do espaço peninsular: também em Espanha preponderou primeiro o influxo italiano, depois o humanismo do Norte da Europa e por fim a influência romana.

Se já houve ocasião para documentar a mudança de rumo verificada no segundo quartel de Quinhentos, por força do acolhimento da corrente humanista que ligava Trebizonda, Agrícola, Erasmo e Melanchthon, se tivemos oportunidade de descrever o ambiente intelectual das escolas de Paris onde a nossa mocidade se formou

---

tum quod non continenter enarrare Fabium, sed in aliquot libros uiam munire constitui.»

<sup>464</sup> Além da vasta produção oratória de António Pinheiro, em que avultam os discursos políticos e a interessantíssima *Oração feita quando começou a insinuar os moços fidalgos* (BNL, Cod. 9004, fols. 1r-7v., CoD. 3767), apologia das políticas ultramarina, religiosa e cultural de D. João III, teriam também alguma importância para a história da retórica a sua versão do *Panegírico de Plínio* (BPADE, Cód. CXII. 1-22) e a tradução, que não conhecemos, de uma carta de Cícero a Quinto oferecida à rainha D. Catarina e mencionada por Menéndez y Pelayo na sua *Bibliografía hispano-latina*, p. 684.

no convívio com os Cop, Cordier, Gélida, Latomus, Sturm, Strébée, Dolet, falta-nos ainda estudar as obras que comprovadamente contribuíram para o desenvolvimento dos estudos retóricos em Portugal, sejam os tratados e opúsculos de Trebizonda e Erasmo, sejam os manuais de figuras menores como Vaseu e Ringelberg que, no entanto, mereceram ser editados e ter trânsito escolar entre nós.

#### 3.1. Jorge de Trebizonda e a divulgação da retórica grega

Os manuais do emigrado bizantino conheceram, como se disse já, grande divulgação e, por paradoxal que pareça, a sua influência acabou por ser maior na cultura norte-europeia do que no humanismo italiano; o compêndio que agora nos ocupa, a primeira retórica completa do humanismo (Veneza, 1433-1434), não só contribuiu decisivamente para a difusão da teoria grega como veio a interferir no debate sobre Quintiliano e na controvérsia do ciceronianismo<sup>465</sup>.

Na verdade os *Rhetoricorum libri V* não só abriram ao Ocidente a tradição retórica bizantina e a sua concepção mais pragmática que privilegiava o estudo dos meios de persuasão adequados ao discurso

---

<sup>465</sup> À *editio princeps* dos *Rhetoricorum libri V* (Veneza, Vindelino de Spira, c. 1472), seguiram-se as edições de Milão, Leonardus Pachel, 1493; Alcalá, Guillelmus de Brocario, 1511; Paris, Gilles de Gourmont, c. 1519-1520; Basileia, Valentinus Curio, 1522; Veneza, Aldo, 1523 (edição muito comum que inclui ainda as retóricas de Fortunaciano, Áquila Romano, Rutilio Lupo, a *Retórica* de Aristóteles na tradução de Trebizonda, a *Retórica a Alexandre* na versão de Filelfo, Hermógenes, Afónio e Prisciano); Paris, Chr. Wechelus, 1532-1533; Paris, Jean Roigny, 1538-1539; Lyon, Sebastianus Gryphius, 1547; e ainda duas edições parciais de Lyon, Simon Vincent, 1526 e Paris, Crepin, 1531. Sobre Trebizonda são essenciais os trabalhos de John Monfasani, *George of Trebizond: A Biography and a Study of his Rhetoric and Logic*, Leiden, E. J. Brill, 1976, «The Byzantine Rhetorical Tradition and the Renaissance», *Renaissance Eloquence*, ed. J. Murphy, pp. 174-187, *Collectanea Trapezuntiana. Texts, Documents and Bibliographies of George of Trebizond*, Binghamton, 1984, «Episodes of Anti-Quintilianism in the Italian Renaissance: Quarrels on the Orator as a Vir Bonus and Rhetoric as the Scientia Bene Dicendi», *Rhetorica* 10 (1992), 119-138. Considerando os *Rhetoricorum libri V* «a major document of Renaissance culture», Monfasani assevera que esta foi «the unique humanist summa of classical rhetoric of the Italian fifteenth century», «The Byzantine Rhetorical Tradition», p. 179.

político, reintroduzindo no circuito da cultura latina Hermógenes, Dionísio de Halicarnasso e outros autores gregos mal conhecidos, como propuseram também uma abordagem das doutrinas ciceronianas que, rejeitando o enciclopedismo oratório, dispensava a mediação quintilianista<sup>466</sup>.

Fiel à tradição latina de matriz aristotélico-ciceroniana, Trebizonda adopta a divisão da retórica em cinco partes<sup>467</sup>. Após um breve prefácio sobre a utilidade social e política da oratória, definida a retórica como ciência política que trata das questões civis<sup>468</sup>, no livro I Trebizonda ocupa-se das partes da *oratio*, exórdio, narração e prova, nesta incluindo a divisão, confirmação e refutação; considerando sobretudo o género judicial, no livro II apresenta a teoria da *stasis* com uma longa paráfrase de Hermógenes; no livro III transfere materiais da dialéctica, os tópicos hauridos em Temístio, Boécio e Pedro Hispano, para a teoria da argumentação retórica, tratando ainda da última parte do discurso, a *peroratio*; no livro IV, discutidos os géneros deliberativo e demonstrativo, desenvolve as restantes partes da *ars*, disposição, memória e pronúnciação; à *elocutio* consagra o livro V, um livro inteiro, como sucede na *Rhetorica ad Herennium*. Com efeito, além dos tratados de Cícero e Hermógenes,

<sup>466</sup> A insistência sobre a impossibilidade de separar Cícero de Quintiliano correspondia, tanto em Valla como em Poliziano, à aspiração holística de um saber enciclopédico assente numa lógica retoricizada e numa filologia dirigida à recuperação da cultura grega. Em Trebizonda encontraram, pelo contrário, a fundamentação necessária à defesa de Cícero e da cultura latina ciceronianistas como Pontano, Cortese e Bembo, vd. L. D'Ascia, «La retorica di Giorgio da Trebisonda e l'Umanesimo ciceroniano», *Rinascimento* 29 (1989), 193-216.

<sup>467</sup> Vd. J. Monfasani (ed.), *Collectanea Trapezuntiana*, Binghampton (NY), Medieval and Renaissance Texts and Studies, 1984. Compulsámos a edição parisiense de 1538, in *officina Christiani Wecheli* (BNL, L. 895 P), e a edição comentada por Hernando Alonso de Herrera, impressa em Alcalá por Guillermo de Brocar em 1511 (BNM, R/13543): *Opus Absolutissimum/ rhetoricorum georgii trapezuntii cum/ additionibus herra/riensis./*; no cólofon: *Impressum est hoc insigne rhetoricorum opus in alma complutensi academia bonarum litterarum certissima matre. Sub magnificentissimo ipsius fundatore domino francisco ximenes diuina prouidentia cardinali hispaniarum archiepiscopo toletano in officina solertissimi Arnaldi guillelmi de brocaro. Anno euo quo uerbum caro factum est et habitauit in nobis. m. ccccc. xj. Idus decemb./*

<sup>468</sup> «Rhetorica est ciuilibus scientia qua cum assensione auditorum quo ad eius fieri potest in ciuilibus quaestionibus dicimus.», *op. cit.*, fol. Aiiij.

constitui aquele compêndio latino uma das fontes principais do manual de Trebizonda.

O sucesso que a retórica do imigrado grego obteve deve-se em boa parte à tentativa de conciliação da retórica bizantina com a tradição latina<sup>469</sup>. Com Cícero, Trebizonda sublinha que, se muito aproveita o estudo da arte, todavia é da *grauitas* que depende a persuasão, forma de traduzir a ideia hermogénica de *deinotes*, condição necessária ao *apte dicere* da tradição latina. A atenção às circunstâncias da comunicação discursiva, descurada pela retórica literária do *bene dicere*, e uma exaustiva teoria da *inuentio* tornam-se justamente o contributo mais significativo de Trebizonda para a controvérsia do ciceronianismo. O afastamento em relação a Quintiliano estende-se a outros campos. Apesar de Platão e dos estóicos, a retórica grega não tendia a identificar o orador com o *uir bonus* típico da cultura latina; contra a corrente (Guarino, Mancinelli, Maturanzio e R. Regio), Trebizonda rejeita a moralização quintilianista. Se o retor calagurritano, fundando-se na *prudencia*, tinha reduzido os *status* à *coniectura*, *finitio* e *qualitas* (*an sit, quid sit, quale sit*), Trebizonda prefere seguir Hermógenes e propor um sistema mais complexo, organizado por divisões lógicas, que distingue *status* principal e *status* secundários. A renúncia a Quintiliano, reprovada por Valla, Poliziano e Erasmo, redundava pois numa profissão de fé na retórica como disciplina autónoma e sistemática que fará do manual de Trebizonda um instrumento de combate de primeira ordem para

<sup>469</sup> O conhecimento da retórica e da oratória gregas muito ficou a dever também a outros mestres bizantinos: o cardeal Bessáron traduz a *1ª Orintica* de Demóstenes; Teodoro Gaza verte para latim capítulos de Dionísio de Halicarnasso, em Ferrara rege cadeiras de grego e retórica, comentando a *Oração da Coroa* de Demóstenes e o *Górgias* de Platão; João Argiropolos em Florença, Andronico Calisto em Bolonha e Constantino Láscaris em Messina ensinam grego e eloquência além de outras disciplinas. O trabalho de difusão dos textos gregos relativos à retórica, iniciado por Trebizonda, completa-se entre 1499-1513 quando, em Veneza, Aldo Manuzio, com a colaboração de especialistas bizantinos, publica, em três colectâneas, textos dos epistológrafos, oradores e retores gregos, incluindo os principais comentários a Hermógenes. Obras que não tenham sido incluídas nas colecções aldinas escassa difusão tiveram ao longo de Quinhentos. Vd. J. Monfasani, «The Byzantine Rhetorical Tradition and the Renaissance», pp. 174-187.

os ciceronianistas, a ponto de vir a rivalizar em autoridade com os textos clássicos<sup>470</sup>.

Com efeito, se já por 1470 Guillaume Fichet se escandalizava com a estima concedida na Universidade de Paris à retórica de Trebizonda, assim que os manuais do mestre grego foram descobertos pelo humanismo do Norte mais solicitados ainda se tornaram<sup>471</sup>. Entre 1470-1567 a *Dialectica* teve cinquenta e três edições e os *Rhetoricorum libri v* saíram a lume vinte e cinco vezes, na sua maioria em Paris<sup>472</sup>. A influência deste manual de Trebizonda ao longo de Quinhentos far-se-á sentir tanto na retórica profana como na retórica sacra, campo onde a influência das doutrinas de Hermógenes conduzirá, por exemplo, nas retóricas borromeanas à transferência das provas emocionais para o domínio da expressão elocutiva. A autoridade dos *Rhetoricorum libri v* na verdade está documentada ainda em finais do século XVIII no *Lexicon technologiae latinorum rhetoricae* de Johann Ernesti (Leipzig, 1797)<sup>473</sup>.

Muito bem recebida foi a obra de Trebizonda na Península Ibérica; para tal contribuiu sem dúvida a influência do humanismo renano-flamengo, mas já no século XV tinha havido algum contacto com o labor do mestre cretense, pois também ele se contava entre os numerosos humanistas que passaram a beneficiar do mecenatismo da corte aragonesa de Nápoles desde que Afonso V conquistou o reino em 1443<sup>474</sup>. Entre as orações publicadas por Monfasani

encontra-se uma *laus* em que Trebizonda agradece a Afonso de Aragão a promoção das traduções de autores gregos; no prefácio dos *Rhetoricorum libri v*, glosando o tópico das armas e das letras, Trebizonda exalta não só a protecção dos estudiosos mas também o facto de o próprio rei se dedicar aos *studia humanitatis*<sup>475</sup>. Ora, em 1511, quando se tornou necessário dotar os alunos da nova universidade de Alcalá de compêndios adequados ao novo ensino humanístico, foi o manual de Trebizonda a obra escolhida: a edição complutense dos *Rhetoricorum libri v*, enriquecidos com as anotações de Hernando Alonso de Herrera, o primeiro catedrático de retórica em Alcalá, sugere pois uma orientação pedagógica e não deixa de constituir também sinal da recepção do antiquintilianismo.

Na carta nuncupatória dirigida ao cardeal Cisneros, texto de teor programático, além da esperada apologia da retórica Herrera apresenta um esboço biográfico do autor grego, salientando a singularidade da sua formação e a importância do seu magistério para o desenvolvimento dos estudos retóricos e humanísticos, mercê do domínio profundo de todos os ramos do saber grego que importam à formação intelectual e educação do homem livre<sup>476</sup>. Considerando a fidelidade cristã do exilado bizantino (na verdade Trebizonda emigrou para o Ocidente muito antes da queda de Constantinopla), contrapõe Herrera à sorte de Bizâncio as recentes vitórias obtidas no extremo ocidental sobre o muçulmano, ensejo que aproveita para

<sup>470</sup> Contra Trebizonda se manifestou Teodoro Gaza, outro imigrado grego que como Valla prefere manter a aliança entre os fins intrínsecos da retórica, *bene dicere*, e os fins extrínsecos, persuadir; vd. L. D'Ascia, *art. cit.*, e J. Monfasani, «Episodes of Anti-Quintilianism», pp. 119-138.

<sup>471</sup> Melanchthon justificará a sua retórica como forma de oferecer um tratado mais barato àqueles que não podem comprar o manual do mestre bizantino, vd. J. Monfasani, «The Byzantine Rhetorical Tradition and the Renaissance», pp. 174-187, *idem*, «Humanism and Rhetoric», *Renaissance Humanism*, ed. A. Rabil, vol. III, 171-235.

<sup>472</sup> Sobre a fortuna do mestre grego vd. J. Monfasani, *Collectanea Trapezuntiana*.

<sup>473</sup> Quem estudou a aclimação da doutrina dos *genera dicendi* à retórica sagrada pôde escrever: «Hermogenes' solemnity later becomes a principal element in the Christian grand style», vd. D. Shuger, *Sacred Rhetoric. The Christian Grand Style in the English Renaissance*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1988.

<sup>474</sup> Foi a instâncias do Magnânimo que Trebizonda traduziu a *Retórica* de Aristóteles e a *Oração da Coroa* de Demóstenes, vd. M. Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, vol. III, pp. 177-271, A. Soria, *Los humanistas de la corte de Alfonso el Magnánimo*,

Granada, Universidad de Granada, 1956, J. C. Rovira, *Humanistas y poetas en la corte napolitana de Alfonso el Magnánimo*, Alicante, Instituto Juan Gil-Albert, 1990.

<sup>475</sup> «Nam ut res bellicas preclarissimis tuis facinoribus exornasti, sic theologiae, philosophiae, humanitatisque studia partim honorandis, iuuandis, conducendisque hominibus doctis, partim re ipsa, hoc est, discendo, legendo, audiendo, et extulisti et extollis in dies. Vnde fit ut arx Neapolitana hec, quam nouam appellant, non magis muris structuraeque quam conuentu doctissimorum hominum noua esse uideatur», vd. J. Monfasani, *op. cit.*, pp. 89-90.

<sup>476</sup> «Georgius Trapezuntius uir in Graecia natus et graecarum omnium disciplinarum, quae ad ingenii cultum pertinent, quasque libérum hominem scire decet, abunde eruditus.» Jorge chamava-se Trebizonda em homenagem ao avô, que era dessa cidade do Mar Negro. Natural de Creta, o mestre bizantino veio para Itália em 1416. Compôs a *Isagoge Dialectica*, o primeiro manual humanista de lógica, em 1440 e três anos depois os *Rhetoricorum libri v*. Da proibidade do seu ensino em Roma, acrescenta Herrera, «[...] multi tum itali, tum hispani, tum galli auditores testantur».



exaltar o zelo na propagação da fé e o espírito de cruzada<sup>477</sup>. A esta conformação do particularismo peninsular na glosa do tópico das armas e das letras prestava-se bem o autor cretense; com efeito, na *Oratio de laudibus Ciceronis*, pronunciada em Vicenza em 1421, discurso em que se socorre da *Vita Ciceronis* de Plutarco e do *Cicero Nouus* de Leonardo Brúni, aos habituais louvores hiperbólicos da oratória ciceroniana — sem a qual não haveria de todo eloquência nem na Itália nem na língua latina — Trebizonda ajuntava também, de forma singular, a glorificação dos feitos militares do Arpinate: Demóstenes só no género forense se destacou, os filósofos apenas o lograram na filosofia, os grandes generais somente na arte militar, Cícero, pelo contrário, em todos esses domínios se distinguiu<sup>478</sup>. Seguidamente, indicando as fontes clássicas de Trebizonda, Herrera sublinha o valor pedagógico do texto: menos farragoso que Quintiliano, mais explícito do que Cícero, observações sobre a inadequação pedagógica das retóricas clássicas que se tornarão tópico recorrente nos prefácios de manuais quinhentistas peninsulares<sup>479</sup>. Por fim, a intenção humanista do comentador torna-se manifesta na áspera crítica da prática forense contemporânea; para Herrera os condicionalismos actuais não só não implicam a desvalorização da

<sup>477</sup> «Verum Georgius quamuis ei multa promitteret Mahumetes turcorum princeps si christiana pietate relicta mahemetismus profiteretur: maluit exilium uoluntarium agere quam abnegato Christo in patria liber et diues manere.»

<sup>478</sup> «At non togam solum et litteras Graecas aut Latinas et philosophiam ornauit Cicero, uerum etiam armorum reique militaris decore inter clarissimos et fortissimos imperatores non iniuria numerari potest», vd. J. Monfasani (ed.), *Collectanea Trapezuntiana*, pp. 343-350.

<sup>479</sup> «[...] reliquit insuper hoc opus rhetoricorum, de graecis auctoribus Aristotele, Hermogene et Hermagora, de latinis uero Marco Tullio Cicerone et Quintiliano collectum, opus absolutum et ad instituendos adolescentes maxime idoneum. [...] Nam Quintiliani Institutiones, tum prolixissimae sunt, tum opinionum superuacuarum refertissimae, quas non est necesse nouiciis huius artis ingerere. Adde quod mendis adhuc ob iniuriam temporum scatent, ideo ad lectionem priuatam sunt potius reseruande. Sed nec Marci Ciceronis ullum opus inuenias, quod hanc pueris de se utilitatem praebeat, ut in manus instituendae iuuentutis ueniat. Nam liber ad Herennium tam breuis est, ut nihil fere contineat, quod uotis adolescentulorum satisfaciatur. Opera uero de oratore et perfecto oratore non nisi post magnos in hac facultate profectus sunt legenda. Noster autem Trapezuntius inter Quintiliani fastidiendam prolixitatem et Ciceronis concisam breuitatem medius incedit», fol A2r.

retórica, como a reclamam para a renovação e reforma dos estudos jurídicos e da jurisprudência.

Não constitui a edição complutense de 1511 caso isolado da influência do mestre grego: se há em bibliotecas espanholas incunábulo dos *Rhetoricorum libri v* e cinco manuscritos da sua tradução da retórica aristotélica, sabe-se também que teve discípulos hispânicos, como Alfonso de Palencia (1423-1492) que foi seu amigo e correspondente<sup>480</sup>. São bem conhecidas as relações de profunda estima que este mesmo Alfonso de Palencia manteve com o pai de Hernando Alonso de Herrera; ora nem este facto, nem a presença em Alcalá de Demétrio Ducas, outro ilustre imigrado bizantino, terão sido alheios à admiração que o retor complutense demonstra por Trebizonda<sup>481</sup>.

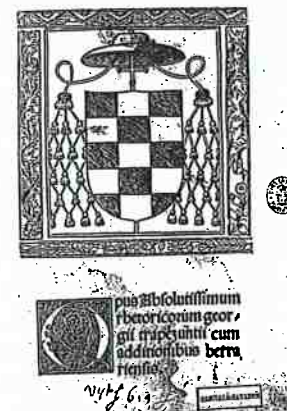


Fig. 34 — Jorge de Trebizonda, *Opus absolutissimum rhetoricorum Georgii Trapezuntii cum additionibus Herrariensis*, Alcalá, 1511 (BNM, R/13543)

De outra escola era Nebrija, adversário figadal de Palencia, que quando vai ensinar para Alcalá logo publica, diz ele que a con-

<sup>480</sup> Monfasani refere também a existência de mss. com os *scholia* à *Retórica* aristotélica (BU de Sevilha, 331-173, Bibl. de Toledo, 94-21). Sobre as relações de Trebizonda com espanhóis vd. M. Menéndez Y Pelayo, *op. cit.*, vol. III, pp. 177-271, e L. López Grigera, *La retórica en la España del siglo de oro*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1994, pp. 69-83.

<sup>481</sup> Depois de colaborar com Aldo Manuzio na edição dos *Rhetores graeci* (Veneza, 1509), Ducas veio reger a cátedra de grego na universidade do cardeal Cisneros; sobre os estudos helénicos em Alcalá e noutros lugares, vd. J. López Rueda, *Helenistas españoles del siglo XVI*, Madrid, CSIC, 1973.

tragosto, para uso dos seus alunos a *Artis Rhetoricae compendiosa coaptatio ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano* (Alcalá, Arnao Guillen de Brocar, 1515), por certo no intuito de desautorizar o manual de Trebizonda que antes correria como texto oficial na novíssima universidade. Não por acaso, embora gozasse de privilégios especiais como mestre de retórica em Alcalá, na mesma altura Herrera vai ensinar para Salamanca onde permanecerá regendo a cátedra de Retórica até morrer em 1527. A obra de Nebrija será reeditada em 1529, juntamente com as *Tabulae* de Mosellanus e o *Ciceronianus* erasmiano (Alcalá, Miguel de Eguía, 1529), e em 1583 em Granada pelo seu neto Nebrija Sancho. Menosprezada pela crítica moderna (Olmedo, Odriozola, Martí, Rico Verdú), a retórica de Nebrija no entanto colheu o apoio entusiástico dos seus editores, Miguel de Eguía em 1529 e Mayans y Siscár em 1774. O título do compêndio, *compendiosa coaptatio ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano* — as semelhanças com o que adoptou Cipriano Soares no seu *De arte rhetorica* (Coimbra, João de Barreira, 1562) ficam-se por aí — tem iludido não poucos estudiosos. Efectivamente tudo afastava o texto de Nebrija do manual de Trebizonda publicado quatro anos antes em Alcalá. Apesar da proclamada dívida para com Aristóteles, em Nebrija as escassíssimas citações do Estagirita provêm da *Ética* e da pseudo-aristotélica *Retórica a Alexandre*; a *Retórica* de Aristóteles é ignorada, a tradição greco-bizantina e a retórica ciceroniana surgem claramente secundarizadas. Na verdade, as principais fontes da *Artis rhetoricae compendiosa coaptatio* — o título serviria mais para marcar diferenças relativamente a Trebizonda — são Quintiliano que ocupa 52% das citações, a *Rhetorica ad Herennium* (32,5%) e o *De inuentione* (7%). No *vademecum* do Nebrissense não só prevalecem as concepções de Quintiliano — o orador identificado com o *bonus uir*, a retórica definida como *ars bene dicendi* — como muitos capítulos não passam de pura transcrição da *Institutio oratoria*: Nebrija, que na mocidade estudara retórica em Bolonha com Matteo Galleotto, manteve-se portanto fiel ao quintilianismo de Lorenzo Valla, humanista que tanto admirava. Todavia na guerra de escolas Nebrija foi mal sucedido: a autoridade de Trebizonda perdurará<sup>482</sup>. A influência dos *Rhetoricorum libri V* far-se-á sentir em

<sup>482</sup> Vd. I. Cabello Hermadorenna, «La presencia de Quintiliano en la *Retórica* de Nebrija», *Quintiliano: Historia y actualidad de la retórica*, ed. T. Albaladejo, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1998, vol. III, pp. 1169-1179. Também a gramática

Juan Luis Vives, nas retóricas de Zorrilla e de Miguel de Salinas, nas *Institutiones rhetoricae* de Pedro Juan Núñez e até nos sermões do pregador régio e papal Fr. Dionísio Vázquez<sup>483</sup>.

Em Portugal, a julgar pelo número de espécies remanescentes nas nossas bibliotecas, não terá sido despicienda a fortuna do mestre bizantino<sup>484</sup>. No rol da livraria de Aquiles Estação figuram

latina do Nebrissense, apesar da protecção oficial, foi objecto de severas críticas: Hernando Alonso de Herrera considerava-a prolixa; Juan de Maldonado torna usual a crítica à sua extensão (não distinguia o essencial do acessório, prejudicava o contacto directo com os clássicos); Valdés censura-lhe o método e os erros; a *Viaje a Turquía* acusa-a de engendrar uma ignorância supina e uma geral hostilidade ao latim; na Universidade de Salamanca, contra o que estabeleciam os Estatutos, professores como Sánchez de las Brozas, Francisco Martins e Baltazar de Céspedes mostravam-se refractários ao seu uso; finalmente, ainda em 1890, Miguel de Unamuno se queixará de lhe não ter sido confiada uma cátedra que vencera em concurso por ser «osadia grande acogerse a Corssen, Mommsen, Burdach, etc. en vez de jurar por Nebrija y Calepino», vd. L. Gil Fernandez, *Panorama social del Humanismo Español (1500-1800)*, Madrid, Tecnos, 1997, p. 126.

<sup>483</sup> Vd. P. Cátedra, «Nebrija y la predicación», *Antonio de Nebrija: Edad Media y Rinacimiento*, ed. C. Codoñer, Salamanca, 1994, pp. 129-150. A sua autoridade, porém, não era inquestionável. Trebizonda traduzira *deinotes* por *grauitas*, a suprema qualidade do orador na tradição latina, versão que passou aos tratadistas do Renascimento. No entanto, a palavra grega literalmente significa 'terribilidade', 'expressividade' e depois 'engenho', 'agudeza', 'habilidade'. Por isso, Sturm preferiu traduziu-la por *decorum*. António Lúlio evita a tradução incorrecta, no catálogo inicial das 'ideias' verte *deinotes* por *grauitas seu decorum* mas depois, ao tratá-la em particular, prefere *terribilem, magnum, robustum* (a ideia de *terribilità*, derivada da noção retórica de *deinotes*, testemunharia a extensão das doutrinas de Hermógenes às artes da pintura e da escultura), vd. L. López Grigera, *op. cit., eadem*, «Introducción al estudio de la retórica en el siglo XVI en España», *Nova Tellus* 2 (1984), 93-111, D. Summers, *Michelangelo and the Language of Art*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1981, A. M. Patterson, *Hermogenes and the Renaissance*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1970, e A. Martí, *La preceptiva retórica española en el siglo de Oro*, Madrid, 1972.

<sup>484</sup> Conhecem-se, no mínimo, onze dialécticas e seis retóricas, além de alguns exemplares de outras obras: *Opus absolutissimum rhetoricorum*, Alcalá, in officina Arnaldi Guillelmi de Brocaro, 1511 (BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783/3 P; BNL, Res. 251 A); *Rhetoricorum libri quinque*, Paris, excudebat Christianus Wechelus, 1532 (BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783/3 P), 1538 (BNL, L. 895 P); *Dialectica*, Paris, Henricus Stephanus, 1511 (BGUC, R-35-5), Colónia, Joannes Soter excudebat, 1533 (BNL, S. A. 5245 P), Paris, apud Simonem Colinaeum, 1534 (BNL, S. A. 1028/1 P), Paris, in off. Christiani Wecheli, 1538 (BNL, S. A. 988 P), Lyon, apud haeredes Simonis Vincentii, 1539 (BNL, S. A. 989 P), Lyon,

tanto os *Rhetoricorum libri v* como os comentários de Trebizonda às orações de Cícero, texto que também se regista no inventário da biblioteca de D. Fernando Martins Mascarenhas, saqueada no final do século XVI pelos ingleses. Mas a melhor prova da aceitação que teve entre nós a obra de Trebizonda reside no facto de ter sido ele o autor escolhido, quando foi necessário fornecer aos alunos do Colégio das Artes um compêndio para o estudo da dialéctica. Para a nova instituição preparara Grouchy em 1548 uma edição do *Organon* aristotélico aproveitando o texto de Joachim Périon; André de Resende ensinava pelo compêndio de Johann Caesarius; no Colégio de Jesus usavam-se os *De consideratione dialectica libri vi* (Antuérpia, 1534) de Titelmans, mestre lovaniense então muito em voga. Não foi pois por acaso que saiu em 1551, dos prelos conimbricenses de João de Barreira, a *Georgii Trapezontii Dialectica*, acompanhada das anotações de Diogo de Contreiras, um antigo escolar do colégio de Santa Bárbara: o manual do mestre grego pertencia ao mesmo mundo intelectual do aristotelismo humanístico de Paris e Lovaina<sup>485</sup>.

apud Antonium Vicentium, 1553 (BNL, S. A. 990 P); *Dialectica cum scholijs Iacobi à Contreiras Eborensis*, Coimbra, apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarum, 1551 (BPE, Res. 130-B; BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P; BNL, L. 295 P; BNL, Res. 1673 P); *De Evangelica praeparatione*, Veneza, Bartolomeo Zani, 1500 (BGUC, R-48-13; BNL, Inc. 1125); *Commentarii in Philippicas Ciceronis*, Veneza, Filippo di Pietro, ca. 1475 (BNL, Inc. 1395; BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P); *Almagestum latina donatum lingua ab Georgio Trapezuntio*, Veneza, Lucantonius Junta, 1528 (BGUC, RB-31-18).

<sup>485</sup> Georgij Trape-/zontij Dialectica octo tra-/ctatus continens./ 1. De Enuntiatione categorica./ 2. De Praedicabilibus./ 3. De Praedicamentis./ 4. De Syllogismo categorico./ 5. De Propositione et Syllogismo hypotheticis./ 6. De Enthymemate./ 7. De Definitione et Diuisione./ 9. [sic] De Thesi./ Et hos omnes cum scholijs Iacobi à Contreiras Eborensis./ CONIMBRICAE./ Apud Ioannem Barrerium, et Ioannem Aluarum/ Typographos Regios./ M. D. LI./ O texto da dialéctica ocupa os primeiros 95 fólhos; seguem-se-lhe as *Annotationes* em que Contreiras identifica muitas das citações, alusões e paráfrases dos clássicos, mormente de Cícero, Quintiliano e Aristóteles, referindo-se não raro a autores modernos como Valla, Rodolfo Agrícola e Vives. A renovação do ensino da dialéctica não significa necessariamente a rejeição da abordagem escolástica da lógica aristotélica; assim se compreenderá a edição feita em Lisboa em 1556 do *Logicae compendium* de Crisostomo Iavelli e do *Tractatus* de Titelmans. Mestre Diogo de Contreiras prestara juramento na Universidade de Paris em 1533, no principalato de André de Gouveia, curso medicina e veio a ser nomeado, por D. João III, em 1545, professor de um curso

Se o compêndio de Trebizonda deu a conhecer as doutrinas estilísticas de Hermógenes e de Dionísio de Halicarnasso, mais aumentou a difusão da retórica bizantina nos começos do século XVI com as edições aldinas dos originais gregos e as traduções latinas realizadas primeiro por Agrícola e Cattaneo e depois por Natale de' Conti e Johann Sturm<sup>486</sup>. Contando com a colaboração de eruditos bizantinos como Demétrio Ducas, Janus Láscaaris e Marco Musuro, entre 1499-1513 Aldo Manuzio publica em Veneza colectâneas de retores, oradores e epistológrafos gregos em cuidadas edições<sup>487</sup>. Com os *Rhetores graeci* publicados em 1508-1509 passam a estar disponíveis em grego os tratados e opúsculos de

de artes na Universidade de Coimbra; em Fevereiro de 1548 Contreiras deve ter trocado os gerais da Universidade pelos do recém-fundado Colégio das Artes e aí se manteve pelo menos até à entrega do Colégio à Companhia de Jesus, vd. M. Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra, 1948-1969, vol. I, pp. 246-247, vol. II, pp. 938-939, *idem*, «Os professores dos cursos das artes nas escolas do convento de Santa-Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes de 1535 a 1555», *Biblos* 5 (1929), 84-109, D. M. Gomes dos Santos, «Francisco Titelmans OFM e as origens do Curso Conimbricense», *Actas do I Congresso Nacional de Filosofia*, Braga, 1955, pp. 468-489, e M. Tavuzzi, «Chrysostomus Iavelli OP (c. 1470-1538). A Biobibliographical Essay: Part I, Biography», *Angelicum* 67 (1990), 457-482; «Chrysostomus Iavelli OP (c. 1470-1538). A Biobibliographical Essay: Part II, Bibliography», *Angelicum* 68 (1991), 109-121.

<sup>486</sup> Além dos títulos já referidos de Annabel Patterson e John Monfasani, para a história da recepção da retórica greco-bizantina são indispensáveis os estudos de G. Kustas, «The Function and Evolution of Bizantine Rhetoric», *Viator* 1 (1970), 55-73, *Studies in Byzantine Rhetoric*, Tessalónica, 1973, B. Weinberg, «Translations and Commentaries of Demetrius, On Style to 1600: A Bibliography», *Philological Quarterly* 30 (1951), 353-380, «Translations and Commentaries of Longinus', On the Sublime to 1600: A Bibliography», *Modern Philology* 47 (1950), 145-151, G. Kennedy, *Greek Rhetoric under Christian Emperors*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1983. Importaria, naturalmente, consultar também — não o pudemos fazer — as colecções dirigidas por Herbert Hunger, o fundador da disciplina de estudos bizantinos.

<sup>487</sup> Vd. J. C. Margolin, «Les fêtes vénitienes d'Érasme», *Erasmus, Venezia e la cultura padana nel '500*, ed. A. Olivieri, Rovigo, Minelliana, 1995, pp. 11-28, M. Lowry, *The World of Aldus Manutius, Business and Scholarship in Renaissance Venice*, Oxford, Blackwell, 1979, C. Dionisotti — G. Orlandi, *Aldo Manuzio Editore, Dedicbe, Prefazioni, Note ai testi*, Milano, Edizioni Il Polifilo, 1975, D. Geanakoplos, «Erasmus and the Aldine Academy of Venice», *Greek, Roman and Byzantine Studies* 3 (1960), 107-134, *idem*, *Constantinople and the West*, Madison, University of Wisconsin Press, 1989, A. Renaudet, *Erasmus et l'Italie*, Genève, Droz, 1954.



Aftónio, Hermógenes, Aristóteles, Anaxímenes, Sopater, Dionísio de Halicarnasso, Demétrio de Faléron, Alexandre Sofista, Menandro-o-Retor, Aristides e Apsines<sup>488</sup>.

Por um lado a pedagogia retórica humanista enriquece-se com a adopção dos exercícios preparatórios propostos pela literatura dos *progymnasmata*, por outro a teoria latina dos *genera dicendi* começa a sofrer a concorrência das doutrinas estilísticas de Hermógenes.

À simplicidade dos três *genera elocutionis*, *humile*, *medium*, *graue*, contrapõe-se o sistema mais complexo das sete *ideias* e suas vinte subdivisões: *saphéneia/claritas*, 'clareza'; *mégethos/magnitudo* 'grandeza'; *kállos/uenustas*, 'beleza'; *gorgótes/celeritas*, 'vivacidade, rapidez'; *éthos/oratio morata*, 'carácter'; *alétheia/ueritas* 'verdade'; *deínótes/grauitas (decorum)*, 'gravidade, decoro'<sup>489</sup>. Entre os autores coligidos por Bernard Weinberg não são raras as alusões, explícitas ou implícitas, à teoria de Hermógenes; Trissino, por exemplo, na *Prima divisione de la Poetica* (Vicenza, T. Ianiculo, 1529) ocupa-se das sete «forme generali di dire; cioè kiarezza, grandeza, bellezza, velocità, costume, verità et artificio»<sup>490</sup>.

Durante o período helenístico, a *melete*, o exercício oratório elaborado a partir de um tema proposto pelo mestre, tornou-se o método preferido dos retores. A corrente mais prescritiva, que remonta à *Retórica a Alexandre* — onde se registará a mais antiga ocorrência do termo *progymnasmata*, conduziu, já na época romana, à sofisticação das práticas pedagógicas sobretudo por acção dos autores da Segunda Sofística, responsáveis também pelo progresso da teoria

retórica e literária<sup>491</sup>. Os diversos tipos de exercício e os preceitos a observar na sua composição encontraram adequado tratamento nas obras de Téon, Hermógenes e Aftónio, autores dos séculos I, III e IV que para sempre ficarão associados. O crescente interesse pela língua grega, a divulgação da retórica bizantina por Trebizonda levaram os humanistas do *Quattrocento* a considerarem com outros olhos esses compêndios de exercícios; dirigidos à composição de textos, na verdade ofereciam um modelo alternativo que ganhava vantagem do ponto de vista pedagógico sobre os manuais centrados na *inuentio* ou na *elocutio*<sup>492</sup>. Embora os *praeexercitamenta* de Hermógenes tenham beneficiado de transmissão ininterrupta graças à versão de Prisciano, todavia foram os *Progymnasmata* de Aftónio que concitaram maior interesse depois da versão latina de Rodolfo Agrícola e da edição aldina do texto grego. Catorze *praeexercitationes* — mais duas do que na obra de Hermógenes — apresentava Aftónio: *fabula*, *narratio*, *chria*, *sententia*, *restructio siue subuersio*, *confirmatio*, *locus communis*, *laus*, *uituperatio*, *comparatio*, *ethopoeia*, *descriptio*, *thesis*, *legislatio*; os méritos pedagógicos deste modelo, simultaneamente teórico e prático, granjearam-lhe reputação entre os humanistas<sup>493</sup>. As traduções de Agrícola-Cattaneo, Natale de' Conti, Francisco Escobar, Camerarius e Heinsius expandem a obra de Aftónio por toda a Europa; a menção elogiosa que lhe faz Erasmo no *De ratione studii* (1512) confere-lhe autoridade; o copioso comentário de Lorichius Reinhard, publicado em 1548, mais

<sup>488</sup> Usamos o exemplar da BPMP, I-11-2, que pertenceu à livreria do Mosteiro de Santa Cruz.

<sup>489</sup> Torna-se corrente a noção de que o sistema hermogénico aplicado ao discurso reproduz analogamente tanto o macrocosmos como o microcosmos. A *oratio*, observa Vives no *De ratione dicendi*, espelha a estrutura do corpo humano, apresentando-se assim a análise retórica como uma anatomia do discurso. Um autor do final do século XVI, Fábio Paolini, leva ao extremo essas correspondências entre as sete *ideias* de Hermógenes e os sete tons musicais, os sete planetas e as sete qualidades do corpo bem formado, vd. M. J. Vega Ramos, «La elocuencia y la fábrica celeste. La recepción de la retórica hermogénica en la obra de Fabius Paulinus», *Antonio de Nebrija: Edad Media y Rinacimiento*, ed. C. Codoñer, Salamanca, ED. Universidad, 1994, pp. 513-521.

<sup>490</sup> Vd. *Tratati di poetica e retorica del Cinquecento*, Bari, Laterza, 1970-1974, vol. I, p. 30. Não passará despercebida, certamente, a substituição tão rica de implicações de *deínótes/grauitas* por *artificio*.

<sup>491</sup> Vd. E. Bowie, «Greeks and Their Past in the Second Sophistic», *Past and Present* 46 (1970), 3-41; G. Bowersock (ed.), *Approaches to the Second Sophistic*, University Park (PA), American Philological Association, 1974; R. Enos, «The Effects of Imperial Patronage on the Rhetorical Tradition», *Communication Quarterly* 25 (1977), 3-10; J. Bompaire, «La Seconde Sophistique: crise ou renaissance littéraire?», *BAGB* (1981), 161-162; G. Rocca-Serra, «Bibliographie de la Seconde Sophistique», *Positions de la Sophistique*, ed. par B. Cassin, Paris, Vrin, 1986, pp. 301-314; E. Bowie, «Greek Sophists and Greek Poetry in the Second Sophistic», *ANRW* II.33.1 (1989), 209-258; A. Michel, «Rhétorique et philosophie au second siècle ap. J.-C.», *ANRW* II. 34. 1, pp. 3-78; G. Anderson, *The Second Sophistic*, London, Routledge, 1993.

<sup>492</sup> Vd. B. Vickers, «Some Reflections on the Rhetoric Textbook», *Renaissance Rhetoric*, ed. P. Mack, New York, St. Martin's Press, 1994, pp. 81-102.

<sup>493</sup> Ocupámo-nos da recepção da doutrina clássica da *chria* em breve artigo intitulado «Entre literatura e história: a *chria* na pedagogia retórica», *Literatura e História*, ed. M. F. Marinho, Porto, FLUP, 2004, pp. 63-70.



aumenta a sua projecção. Para os séculos XVI e XVII, Jean-Claude Margolin contou 86 edições dos *Progymnasmata*, dois terços das quais feitas na Alemanha e na França, preferência compreensível porque foi justamente entre os humanistas do Norte que a retórica bizantina mais audiência encontrou<sup>494</sup>.

Em 1511, o *Opus Absolutissimum rhetoricorum georgii trapezuntii cum additionibus herrariensis* introduzia a tradição helenística no espaço peninsular. A sua influência há-de calar fundo na cultura hispânica, tanto na tratadística em latim como na literatura em vernáculo. A teoria estilística de Hermógenes repercute-se no *De tribus generibus dicendi* de García Matamoros, de modo mais explícito no cap. x, intitulado *De uariis dicendi formis ex Hermogene*, onde o humanista acusa Trebizonda de ter deturpado a doutrina do autor grego. Os exercícios retóricos de Téon circulavam na versão de Francisco de Vergara, catedrático de Grego da universidade de Alcalá. Os *Progymnasmata* de Aftónio, como sucedia em toda a parte, conheciam enorme difusão; as traduções latinas não só suscitaram comentários eruditos por parte de Sánchez de las Brozas, Juan de Mal Lara e Simón Abril, como terão motivado Juan Pérez, Antonio Lull e Palmireno a publicarem novas colectâneas de *praeexercitamenta*<sup>495</sup>. Já em 1578 o helenista valenciano Pedro Juan Núñez dá a lume uma obra claramente hermogénica, as *Institutiones rhetoricae ex Progymnasmatis*, e no declinar do século ainda compõem manuais deste género Juan de Guzmán, Bartolomé Bravo e Juan Luís de la Cerda, tratados que chegaram a ter alguma difusão até na América espanhola<sup>496</sup>.

<sup>494</sup> Vd. J.-C. Margolin, «La Rhétorique d'Aphthonius et son influence au xviiè siècle», *Colloque sur la Rhétorique*, ed. R. Chevallier, Paris, Belles Lettres, 1979, pp. 239-269.

<sup>495</sup> Sobre o tratamento 'conservador, ecléctico ou inovador' do legado dos *progymnasmata* vd. V. Pérez Custódio, «La síncretis de Quintiliano y Aftonio en el xvi: a propósito de los *progymnasmata*», *Quintiliano: Historia y actualidad de la retórica*, ed. T. Albaladejo, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1998, vol. III, pp. 1457-1467.

<sup>496</sup> As referências a Trebizonda, Hermógenes, Dionísio de Halicarnasso, Longino e Demétrio multiplicam-se no último terço de Quinhentos, com uma clamorosa excepção: os jesuítas mantêm-se na estrita observância ciceroniana (segundo López Grigera o recurso a Hermógenes apenas ocorreria na *Rhetorica* de Juan Bautista Poza, obra datada já de 1624). No essencial concordamos com a ilustre estudiosa, mas conviria matizar; de facto, embora de forma secundária, o

Em Portugal, se foi extensa a influência de Trebizonda, sobretudo na renovação do ensino da lógica, não faltam também alguns indícios de circulação da teoria estilística de Hermógenes e da literatura dos *progymnasmata*. Entre nós quem mais terá aproveitado a tradição bizantina foi Frei Luís de Granada nos seus *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri vi*<sup>497</sup>. De facto, pertencendo ainda ao grupo daqueles que se formaram no convívio com o humanismo do Norte, o mestre dominicano adopta largamente a doutrina dos tipos de estilo formulada por Hermógenes. Nas nossas bibliotecas conservam-se mais de uma dezena de exemplares quinhentistas tanto de Aftónio como de Hermógenes. Mas, além destes opúsculos, dispunham pedagogos, tratadistas e oradores de outros instrumentos de exercitação retórica. De várias espécies de *progymnasmata* se aproximam obras como os *Caracteres* de Teofrasto, os *Moralia* e as *Vidas Paralelas* de Plutarco, os *Facta et dicta memorabilia* de Valério Máximo ou as *Vitae* de Diógenes Laércio<sup>498</sup>. A predilecção dos humanistas por este tipo de colecções continuava o gosto medieval de compilação de apotegmas e sentenças ou de ditos e feitos, tanto da história e literatura antigas, como da literatura patristica e hagiográfica; caso paradigmático de tal continuidade podemos vê-lo no trânsito escolar dos *Disthica Catonis*. Não será pois de es-

retor grego não deixa de comparecer por exemplo em textos do Padre Perpilhão, como adiante se verá; por isso ainda mais razão terá Grigera quando escreve «creo que uno estudio - o varios - sobre la presencia de Hermógenes en nuestro renacimiento y barroco puede ser capital», vd. M. Menéndez y Pelayo, *Historia de las Ideas Estéticas*, Madrid, CSIC, 1975, vol. II, pp. 145-191, L. López Grigera, «Introducción al estudio de la retórica en el siglo xvi en España», *Nova Tellus* 2 (1984), 93-111, *eadem*, «Notas sobre Progymnasmata en la España del siglo xvi», *Humanismo y pervivencia del mundo clásico*, ed. J. M. Maestre Maestre, Cádiz, Universidad de Cádiz, 1993, pp. 585-590, *eadem*, *La retórica en la España del siglo de oro*, Salamanca, ED. Universidad, 1994, pp. 69-83, e I. Osorio Romero, *Floresta de Gramática, Poesía y Retórica en Nueva España (1521-1767)*, México, UNAM, 1980.

<sup>497</sup> Lisboa, António Ribeiro, 1576 (BPMP, Y'-2-31); servimo-nos igualmente da edição de A. Huerga, *Fray Luis de Granada: Retórica Eclesiástica I-II*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1999.

<sup>498</sup> Já nos séculos VIII e IX rettores bizantinos tinham incluído os *Caracteres* nas colecções dos textos de Hermógenes e Aftónio para ilustrar as doutrinas do *ethos* e da *ethopoia*, vd. W. Fortenbaugh, «Theophrastus, the Characters and Rhetoric», *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, London, Transaction Publishers, 1994, pp. 15-35.

tranhar que no fundo antigo das nossas bibliotecas se encontre um número elevado de volumes dessa natureza, miscelâneas de *excerpta, polyantae, siluae, flores, elegantiae, cornucopiae, margaritae*, colectâneas de *sententiae, adagia, loci ou chriae*; dos *Ditos e feitos memoráveis* de Valério Máximo contam-se pelo menos 36 espécies, das *Vidas* de Laércio há no mínimo 18 exemplares<sup>499</sup>.

### 3.2. Erasmo

Humanistas portugueses como Luís Teixeira, Henrique Caiado, Damião de Góis ou Marcial de Gouveia conheceram pessoalmente Erasmo; muitos mais o admiraram de forma entusiasta, por exemplo, André de Resende, Jorge Coelho e Jerónimo Cardoso. Mas, se Marcial de Gouveia visitou o roterdamês em Basileia no ano de 1535, relações de amizade com Erasmo verdadeiramente só Damião de Góis as manteve; testemunham-no quer a correspondência trocada entre ambos quer o facto de o humanista português ter sido seu hóspede em 1534 pelo período de quatro meses na Haus zum Walfisch, o refúgio de Erasmo em Friburgo-de-Brisgóvia.

Como dissemos anteriormente, a repercussão de obras como os *Adagia*, o *De copia*, os *Coloquia* e o *Ciceronianus*, mercê do erasmismo que caracterizava a corte de D. João III e de D. Catarina, impediu nas décadas de 1530-1540 o aparecimento de ciceronianistas radicais entre nós; no entanto o escopo retórico daqueles títulos é de certo modo limitado, porque de facto incidem apenas sobre parcelas da arte, os *loci* argumentativos, a *copia* elocutiva, o *genus dicendi* ou os princípios e mecanismos da imitação. De acordo com o que Erasmo propõe no *De ratione studii*, conduzem certamente da *sermonis peritia* à *eloquentia*, mas o roterdamês resistiu quanto

<sup>499</sup> Paradigmática deste espírito compilador é a *Cornu Copiae* de Niccolò Perotti; muito divulgadas entre nós foram a *Margarita poetica* de Albrecht von Eyß e a *Polyanthea* de Domenico Nani Mirabellio; dos *Libri minores* de António de Nebrija (Granada, 1534), que incluem os *Catonis disticha Moralia, os Dicta Sapientum e as Sententiae insignes ex varijs autoribus collectae*, há um exemplar na BPM do Porto (N-3-16). Em Portugal cultivaram o género Francisco de Monçon e André Eboresense; vd. T. Cave, *The Cornucopian Text*, Oxford, Clarendon Press, 1979, M. Furno, *Le Cornu Copiae de Niccolò Perotti*, Genève, Droz, 1995, e F. Goyet, *Le sublime du «lieu commun»*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1996.

pôde à ideia de compor uma arte retórica; o que nos deixou neste campo não foi uma arte genérica mas tratados especializados como o *De conscribendis epistolis* e o *Ecclesiastes*<sup>500</sup>.

O último dos textos maiores do humanista foi, sem dúvida, a primeira grande retórica sagrada de Quinhentos; do *Ecclesiastes siue concionator euangelicus* fizeram-se doze edições entre 1535 e 1555. Neste extenso tratado, nas palavras de Chomarat, «le couronnement de l'oeuvre d'Erasmus, humaniste et chrétien», a retórica clássica é colocada ao serviço da eloquência cristã<sup>501</sup>. Apresenta-se Cristo como o pregador ideal, mas é a Cícero e Quintiliano que se vai buscar o modelo de eloquência. Conhecido mais pela sátira, por vezes injusta, da pregação contemporânea, o *Ecclesiastes* merece atenção por muitas outras razões; rompendo com a tradição medieval das *artes praedicandi* e apoiando-se sobretudo em Quintiliano e Santo Agostinho, Erasmo considera que a oratória sacra visa o *mouere* e não o *docere*, que pertence ao *genus deliberatiuum* ou ao género epidíctico (no caso dos sermões em honra dos santos), que a sua eficácia depende antes de mais da formação moral e intelectual do pregador, da coerência entre palavra e vida, que a homilia constitui uma das suas formas mais nobres. Na área protestante entender-se-á o *genus didascalicum* proposto por Melanchthon como o tipo de discurso mais adequado à pregação e o *genus humile* como o estilo mais conveniente; neste ponto Melanchthon afasta-se claramente

<sup>500</sup> Da *Conscribendarum epistolarum ratio*, Lyon, apud Gryphium, 1531, há na BPM do Porto um exemplar severamente expurgado, mas também profusamente anotado (BPMP, Res. XVI-a-131), vd. edições de J.-C. Margolin (*Opera Omnia*, Amsterdam, North-Holland Publishers, 1971) e de J. Kelley Sowards — Ch. Fantazzi (Toronto, Toronto University Press, 1985); além da primeira edição do *Ecclesiastes siue De ratione concionandi libri quatuor* (Basileae, in officina Frobeniana, 1535, BNL, Res. 2314//2 A), consultámos a edição de J. Chomarat (*Opera Omnia*, Amsterdam, North-Holland Publishers, 1991-1994). O Mosteiro de Santa Cruz adquiriu, entre Novembro de 1534 e Fevereiro de 1535, sete *Copias*, quatro *de octo orationum partibus*, doze *Copias uerborum* de Erasmo; na livraria do Convento de Cristo em Tomar entraram no período de 1533 a 1537, dezasseis *Copias* de Erasmo e quatro *De Componendis epistolis*, vd. Cândido dos Santos, *Os Jerónimos em Portugal*, Porto, INIC, Centro de História da Universidade do Porto, 1980, pp. 122-125.

<sup>501</sup> Vd. J. Chomarat, *Grammaire et Rhétorique chez Erasme*, Paris, Les Belles Lettres, 1981, pp. 1053-1155, e A. Godin, *Érasme lecteur d'Origène*, Genève, Librairie Droz, 1982.

das doutrinas de Trebizonda e de Erasmo<sup>502</sup>. Nas retóricas católicas, porém, a influência do *Ecclesiastes*, mesmo depois das interdições lançadas sobre as obras do roterdamês, far-se-á sentir profundamente, por exemplo, em Alfonso de Zorrilla (*De sacris concionibus recte formandis*, Roma, 1543), García Matamoros (*De methodo concionandi*, Compluti, Andréa de Angulo, 1570), Agostino Valerio (*De rhetorica ecclesiastica*, Veneza, apud Andream Bochinum, 1574), Diego de Estella (*Modus concionandi*, Salamanca, ex officina Ioannis Baptistae à Terranoua, 1575), Frei Luís de Granada (*Ecclesiasticae Rhetoricae libri VI*, Lisboa, Antonius Riberius, 1576) e não deixará de comparecer igualmente no ensino dos jesuítas<sup>503</sup>.

---

<sup>502</sup> A primazia atribuída por Melanchthon ao *docere* significou também uma profunda alteração da teoria dos *topica*. Melanchthon redescobre o lugar-comum ciceroniano mas coloca-o ao serviço do *docere*, da *doctrina* que é antes de mais a *doctrina christiana* dos protestantes. O lugar-comum que em Cícero era instrumento do *mouere*, do *flectere animos*, torna-se em Melanchthon arma desactivada, uma vez que o seu conteúdo intelectual é deslocado do *mouere* para o *docere*, por isso deixa a *peroratio* de ser o momento grandioso do discurso onde se empregam as provas patéticas, onde tem lugar a *indignatio*. Goyet estudou estas distorções observando de caminho a mudança operada igualmente no sentido da palavra *thesis*. Segundo a lenda, Lutero afixou as teses de Wittenberg em 31 de Outubro de 1517 ou apresentou-as numa *disputatio* com os seus discípulos. Nos textos coevos, porém, estas são referidas como *propositiones* ou *themata*: assim as designa Melanchthon quando as defende contra os doutores da Sorbonne. Melanchthon sabia bem que a força da eloquência ciceroniana reside na passagem do particular ao universal, da *hypothesis* à *thesis*, ao lugar-comum, por isso logo se apropriou do termo *thesis*; para ele a *propositio* luterana e o lugar-comum são teses, ideia que implica a noção de estabilidade. Contra a exegese alegorizante, Melanchthon emprega a sua máquina de lugares-comuns para restabelecer o sentido único do Evangelho e assim descobrir a *uoluntas auctoris*. Melanchthon deseja *mouere* mas pensa que o consegue pelo *docere*. Esta forma patética do *docere* fez escola e Goyet ainda a reconhece no discurso actual contra o consumo de álcool e tabaco ou no discurso da prevenção rodoviária, vd. F. Goyet, *op. cit.*, pp. 439-469.

<sup>503</sup> Embora não se refira particularmente à retórica sacra, também o P. Perpilhão acentua como factor de persuasão a *dignitas* do pregador, prefigurada, como já sugeria Erasmo, na figura bíblica de Aarão. Sobre os ecos do tratado erasmiano nas retóricas sacras vd. J. O'Malley, «Content and Rhetorical Forms in Sixteenth-Century Treatises on Preaching», *Renaissance Eloquence*, ed. J. Murphy, Berkeley, Univ. of California Press, 1983, pp. 238-252, L. López Grigera, «Estela del erasmismo en las teorías de la lengua y del estilo en la España del siglo XVI», *El erasmismo en España*, ed. M. Revuelta Sañudo, Santander, Sociedad Menéndez Pelayo, 1986, pp. 491-500, C. Delcorno, «Dal 'sermo modernus' alla retorica

No colégio de Messina fundado pela Companhia de Jesus em 1548 usava-se como texto escolar o *De copia uerborum et rerum* erasmiano e mestres como S. Pedro Canisio queixam-se da proibição dos manuais do roterdamês<sup>504</sup>; por carta de 27 de Agosto de 1553 o P. Polanco dirigindo-se ao P. Hannibal du Coudret, que ainda então se encontrava no colégio de Messina, procura sossegá-lo quanto às proibições de Santo Inácio relativamente a Terêncio, Erasmo e Vives, dizendo-lhe «che non si osserva fuora di Roma insino adesso strettamente questa regola» e que mesmo em Roma se contornava a dificuldade editando «il libello d'otto partibus [...] sanza nominar Erasmo» ou fazendo epítomes de outras das suas obras<sup>505</sup>; em carta datada de 16 de Janeiro de 1557, o reitor do colégio de Palermo informa o P. Diego Láinez dos despropósitos erasmistas de um dos mestres, o belga Arnoldus Conchus; apesar de não só admirar Erasmo como insistir nas suas proposições mais suspeitas, este padre de espírito rebelde só viria a ser despedido da Companhia em 1570<sup>506</sup>; em 1561, na sua visitação ao Colégio das Artes, o P. Nadal entre outras instruções recomenda: «Hágasse una epítome en prosa *De utraque copia*, a imitación de la de Erasmo, con exemplos de buenos autores. Hágasse una epítome *De conscribendis epistolis*, y emprimasse uno y otro»<sup>507</sup>; em 1566 na *Adumbratio quaedam ordinis septem classium* o P. Ledesma recorda que na *tertia classis* do Colégio Romano lia o P. Fulvio Cardulo, entre outros textos, o

---

borromea», *Lettere italiane* 39 (1987), 465-483, E. Artaza, *El ars narrandi en el siglo XVI español*, Bilbao, Universidad de Deusto, 1988.

<sup>504</sup> Vd. MHSJ, *Chron.* 1.248-285.

<sup>505</sup> Vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 438-439.

<sup>506</sup> Embora só tenhamos o relato de uma das partes, vale a pena atentar nele: «L'altro giorno leggeve un libro di Erasmo, dove ritrovò un loco molto suspecto dove apertamente diceva male delle religioni; et mostrandomelo li dissi che quello loco era suspecto et pertanto che non leggesse quello libro, et me lo fece dare et lo abrusciai. Per il che lu si mosse molto et disse che se non poteria leggere Erasmo nella Compagnia, che lo leggeria fuori della Compagnia; et di questo ammonendolo un padre, non solamente non se acquietò, ma defendendo pertinacemente Erasmo, disse un'altra cosa più suspecta della veneratione dello santi, dicendo che Erasmo haveva detto bene et che si può bene diffendere.» E, no dizer do reitor, ameaçava com libelos difamatórios com que faria muito dano à Companhia, vd. *Mon. Paed.*, III, pp. 258-259.

<sup>507</sup> Vd. *Mon. Paed.*, III, pp. 56-59.



*De ratione componendarum epistolarum*, quer dizer, o *De conscribendis epistolis* erasmiano<sup>508</sup>.

Na verdade, ao contrário do que muitas vezes se escreve, convirá ter em conta, como mostrou Seidel Menchi, que «fino al 1559 si encontrano nell'area cattolica non solo ecclesiastici che continuavano a ispirarsi alle idee di Erasmo, ma anche fautori aperti dell'umanista di Rotterdam»<sup>509</sup>; de resto a interdição total das obras de Erasmo feita em 1559 por Paulo IV viria a ser parcialmente levantada cinco anos depois no *Index* tridentino.

A situação em Portugal não era muito diferente. A *Prohibicam dos liuros defesos* de 1547, lista mandada fazer pelo cardeal D. Henrique que não chegou a ser impressa, parece cingir-se a autores reconhecidamente heréticos (Bucer, Bulinger, Calvino, Dolet, Lutero, Ecolampádio, Zuínglio, Melanchthon) ou a certas obras suspeitas; é neste grupo que se encontram a *Moria*, uma *Epitome colloquiorum*, o *Modus confitendi* e os *Colloquia* em latim e em linguagem<sup>510</sup>. Já no *Rol dos liuros defesos*, mandado publicar pelo Cardeal-Infante D. Henrique em 1551 — posterior, portanto, aos processos inquisitoriais contra os *bordaleses*, embora ainda pareça prevalecer o mesmo princípio, as proibições, todavia, atingem praticamente todas as referências culturais dos mestres do Colégio das Artes: *omnes libri* de Melanchthon (incluem-se expressamente a *Dialectica*, o *Methodus conscribendi epistolas*, a *Oratio in liberalium artium laudes*, os comentários às orações de Demóstenes e às epístolas de Cícero), a *Dialectica* de Johann Caesarius, o *De demonstratione*, *De amissa*

<sup>508</sup> Vd. *Mon. Paed.*, II, pp. 714-716.

<sup>509</sup> Vd. S. Seidel Menchi, *Erasmo in Italia, 1520-1580*, Torino, Bollati Boringhieri, 1987, p. 270. Da abundante documentação aduzida pela autora, seja-nos permitido destacar três casos muito eloquentes. Em 1546 o franciscano Marino Veneto, inquisidor em Veneza entre 1543-1550, permite a edição da *Esposizione letterale del testo di Mattheo evangelista* de Bernardino Tomitano, na realidade uma tradução da *Paraphrasis* de Erasmo. Por esse motivo Marino teve mais tarde de responder perante o Santo Ofício. Em 1558, um mestre de Sagrada Escritura, Primo Conti, ainda escrevia ao inquisidor Giovanni Battista Clarino em defesa de Erasmo. Acusado de possuir vários livros erasmianos, em 1570 Jean Galicier é tratado com benevolência, por ser católico e estrangeiro; em sua defesa este leitor de Erasmo alega que desconhecia a proibição pois em Veneza os livros de Erasmo continuavam a ser vendidos «alla vista di ognuno».

<sup>510</sup> Vd. *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no Século XVI*, ed. A. Moreira de Sá, Lisboa, INIC, 1983, pp. 131-151.

*ratione dicendi et literarum ludis* de Johann Sturm, *libri omnes* de Joachim Camerarius, os comentários bíblicos de Lefèvre d'Étaples, os opúsculos da controvérsia entre Martin Bucer e Latomus, a *Paedologia* de Petrus Mosellanus (Peter Shade), o *liber carminum* de Dolet, comentários de Amerbach, a *Moria*, os *Colloquia*, o *Miles christianus*, o *Enchiridion*, a *Lingua* e outras obras erasmianas de conteúdo mais religioso<sup>511</sup>. O que pretendemos sublinhar é o seguinte: em nenhum destes róis figuram as obras de Erasmo que mais interessam à retórica; os *Adagia*, o *De copia*, o *Ciceronianus*, o *De conscribendis epistolis*, o *Ecclesiastes* não foram atingidos por qualquer tipo de interdição até vir a lume o *Index* do papa Carafa (Coimbra, João de Barreira, 1559); a mesma condenação sumária e indiscriminada dos títulos erasmianos se encontra no *Rol dos liuros defesos* de 1561. Muito diferente, porém, foi o critério seguido no *Index librorum prohibitorum* de Pio IV, elaborado segundo as regras estabelecidas no Concílio de Trento (Lisboa, Francisco Correia, 1564). Separando os autores heréticos, *auctores primae classis*, cuja obra é proibida na totalidade, dos *auctores secundae classis*, só parcialmente interditos, o *Index* tridentino prescreve como livros defesos os *Colloquia*, a *Moria*, a *Lingua*, a *Christiani matrimonii institutio*, o *De interdicto esu carni*, a *Paraphrasis in Matthaicum*, mas permite a circulação dos *Adagia* na edição preparada por Paolo Manuzio e nada diz sobre o *De conscribendis epistolis* e o *Ecclesiastes*<sup>512</sup>. Só no *Catalogo dos livros que se prohibem nestes regnos & Senhorios de Portugal* de 1581, que acrescenta títulos não declarados no *Index* tridentino (são sobretudo obras em romance português ou castelhano), aparecerá pela primeira vez uma referência ao *De conscribendis epistolis*: «No liuro de Erasmo, De conscribendis epistolis, se hão de cortar certas folhas, desdas cento & outenta & huma, até as duzentas & quatro, onde fala prolixamente contra o Celibato, tomando por ocasião huma cõr rheetorica, desde onde diz, *Caelibatu relicto, sterili, ac parum humanae uitae instituto, sanctissimo coniugio*

<sup>511</sup> Vd. *op. cit.*, pp. 155-176.

<sup>512</sup> A tarefa de expurgar os *Adagia* foi confiada a Paolo Manuzio, mas, falecido este em 1574, foi o seu filho Aldo Manuzio quem assinou a edição no ano seguinte; omitindo qualquer referência a Erasmo, apresenta-se agora a obra como um compêndio de provérbios gregos e latinos ou, assim o diz a lombada, como *Pauli Manutii Adagia*.

*indulgebis, até, paratis liberis.»*<sup>513</sup> Em suma, ao longo do século XVI, exceptuando o período entre 1559 e 1564, os cinco anos em que vigorou o severíssimo rol do papa Carafa, o *De conscribendis epistolis*, o *Ciceronianus* e o *Ecclesiastes* nunca foram interditos.



Fig. 35 — Erasmo nos *Epitaphia* de Pedro da Veiga, Antuérpia, 1577 (BPE, século XVI 1238)

Por meados do século, como em Itália, também em Portugal a posse de livros proibidos ainda não se apresentava como motivo central nos processos inquisitoriais. Assim se compreenderá a forma algo negligente com que acusados e acusadores tratam este ponto no processo movido contra os *bordaleses*; o que verdadeiramente atrai a atenção de uns e outros são questões de doutrina e a observação dos preceitos da Igreja. No entanto, embora não constitua a parte capital da acusação, afigura-se-nos hoje com especial interesse, pelo seu significado cultural, a referência a livros apreendidos. Ora, a 18 e a 21 de Agosto de 1550, sem declarações autógrafas, João da

<sup>513</sup> Vd. *op. cit.*, p. 629.

Costa reconhece: «[...] Lembrame que tuie em bordeos os colloquios derasmo & a moria/ & como soube que eraõ defesos queimeyos tuie tãbem o ecclesiastes/ agora o naõ tenho naõ me lembra que fiz delle naõ sey se he/ defeso»; «Em latim/ tenho huma dialectica ou Rhetorica de melancton [...] e os testamentos novos derasmo. em frãça// se uendem os testamentos publicamente e naõ ho defendem.»<sup>514</sup> Mestre João da Costa tinha razão, os *Colloquia* e o *Moriae encomium* estavam sob suspeita e no ano seguinte ao processo seriam incluídos no *Rol dos liuros defesos*, não assim no caso do *Ecclesiastes*. Se associarmos estes dados à livre circulação dos *Adagia* na versão manuziana, ao silêncio dos índices em relação ao *Ciceronianus* e ao facto de no *Catálogo dos livros proibidos* de 1581 se ter achado conveniente expurgar o *De conscribendis epistolis*, concluiremos que as principais obras retóricas de Erasmo gozaram de uma benevolência aparentemente estranha<sup>515</sup>.



Fig. 36 — Erasmo, *Adagia... Paulli Manutii studio...*, Florença, 1575

<sup>514</sup> Vd. M. Brandão, *O Processo na Inquisição de Mestre João da Costa*, vol. 1, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1944, pp. 29, 34-36.

<sup>515</sup> Que a retórica, ainda no século XVII, servia de escudo protector contra as confiscações inquisitoriais de livros de Erasmo, atesta-o o estudo que Marcel Bataillon consagrou à biblioteca de Don Diego Sarmiento de Acuña (1567-1626).

Na verdade, a crítica erasmiana ao primeiro ciceronianismo, mormente na sua aplicação à eloquência sacra, apesar da mordacidade da sátira dirigida contra certos pregadores humanistas, não podia deixar de ser, ainda que implicitamente, bem acolhida, quer pelo ciceronianismo reformado ao modo de Paolo Manuzio, quer pelas retóricas eclesiásticas da segunda metade de Quinhentos. O *uir bonus dicendi peritus*, preparado nas escolas humanistas pelo convívio com os bons autores, transforma-se no *Ecclesiastes*, muito de acordo com o ideal irénico e o evangelismo erasmiano, no *uir pius dicendi peritus*, o teólogo pregador; neste ponto havia decerto não pequena afinidade no ensino dos jesuítas, pese embora a desolação que a leitura de Erasmo provocava em Santo Inácio<sup>516</sup>. De facto, os futuros fundadores da Companhia de Jesus foram educados nos ambientes humanistas de Alcalá e de Paris; foi durante os seus estudos complutenses que Inácio de Loiola conheceu as obras de Erasmo e foi em Paris, onde chegou em 1528, que, vivendo durante sete anos no colégio de Santa Bárbara, entre 1529-1535, ouviu os mesmos mestres que os nossos António Pinheiro, Teive e João da Costa. A este período da sua formação não será estranha a primazia que a instrução retórica terá na formação jesuítica. Não tomaram os jesuítas da prática pedagógica de Alcalá e de Santa Bárbara apenas

Precavido, o bibliotecário do primeiro conde de Gondomar, o flamengo Teller, classificou as obras do roterdamês não na secção de *Los Santos padres de la Yglesia*, nem entre os *Libros de philosophia*, mas na secção dos *Libros de Retórica y de la eloquencia latina*. Por essa razão, ou por complacência dos oficiais da Inquisição, na verdade Erasmo acabou por não figurar na lista de livros apreendidos na riquíssima livraria da Casa del Sol de Valladolid, vd. M. Bataillon, «Livres prohibés dans la bibliothéque du comte de Gondomar», *Érasme et l'Espagne*, Genève, Droz, 1991, vol. III, pp. 221-230.

<sup>516</sup> Embora pouco influente, já o *Liber congregatorum de arte praedicandi* (1504) de Johann Reuchlin definia pregador como *uir religiosus dicendi peritus*. A conselho de homens doutos e piôs e do próprio confessor, Santo Inácio começou ler o *Miles Christianus* de Erasmo mas apercebeu-se de que «comenzaba a entibiar su fervor y a enfríarsele la devoción [...] y como exhase de ver esto algunas veces, a la fin echó el libro de sí, y cobró con él y con las demás obras deste autor tan grande ojeriza y aborrecimiento, que después jamás no quiso leerlas él, ni consintió que en nuestra Compañía se leyesen sino con mucho delecto y mucha cautela», vd. P. Rivadeneira, *Vida*, I, 13. Nesta versão Santo Inácio teria lido Erasmo em latim por motivos puramente literários em Barcelona, mas segundo o relato do *Memorial* do P. Luís Gonçalves da Câmara o facto teria ocorrido em Alcalá quando o *Enchiridion* corria em castelhano com fins piedosos.

a famosa *ordo parisiensis* — a sequência graduada de pelo menos cinco classes que culminava na classe de retórica<sup>517</sup>. A exigência tão repetida por Santo Inácio de respeito pelo *modus parisiensis* significava que do grau de conhecimentos devia depender a progressão nos estudos e que o processo educativo devia assentar no princípio da *aemulatio*. Ora estas ideias, que não deixam de comparecer até nos *Exercícios Espirituais*, correspondendo à orientação quintilianista seguida por Mathurin Cordier e Erasmo, testemunham a relevância futura da aprendizagem retórica efectuada em Paris<sup>518</sup>. Santo Inácio recomenda especial cuidado na redacção epistolar, respeitando ele próprio a disposição prescrita pelas artes (*salutatio, exordium, narratio, petitio, conclusio*); a composição dos *Exercícios Espirituais* não são estranhas as doutrinas da *inuentio* e da *dispositio* nem os recursos da eloquência epidíctica — a teoria da *composição do lugar*

<sup>517</sup> Na verdade o modelo provinha das escolas dos Irmãos da Vida Comum, que Erasmo e Sturm frequentaram, e viria a ser adoptado não só pelo P. Nadal na organização do Colégio de Messina e nas normas exaradas entre 1565-1570 para todos os colégios — *Ratio Studiorum* de Francisco de Borja, mas também no espaço protestante por força da influência do colégio de Estrasburgo fundado por Johann Sturm. Muito influente foi também o *De ratione studii ac legendi interpretandique auctores*; a este respeito Chomarat escreveu «dans le *De ratione studii* Erasme pose donc en toute netteté le principe sur lequel a reposé, en passant par les Jésuites et presque jusqu'à nos jours, l'enseignement secondaire en Europe, et par suite l'un des traits profonds de notre civilisation», vd. J. Chomarat, *op. cit.*, p. 417, e J. C. Margolin, «Un maître ouvrage de pédagogie humaniste: le Plan d'études d'Erasme (1512)», *BAGB* 3 (1976), 273-299. Na verdade, já antes Giuseppe Toffanin demonstrara o prolongamento do programa erasmiano na pedagogia dos jesuítas, vd. G. Toffanin, «Umanesimo e *Ratio Studiorum*», *Analecta Gregoriana* 70 (1954), 109-122.

<sup>518</sup> Veja-se a anotação sobre o carácter e duração das *semanas* dos Exercícios, «porque alguns são mais lentos [...], alguns mais diligentes [...] se requer que, umas vezes, se encurte a semana e, outras, se prolongue» (vd. *EE*, 4). A lição do humanismo do Norte não contende com a aceitação da *doctrina* escolástica, assim nas regras *para sentir com a Igreja* recomenda Sr<sup>o</sup> Inácio que se louve tanto os doutores positivos quanto os escolásticos: se para «definir ou explicar, para os nossos tempos, as coisas necessárias à salvação eterna, e atacar e explicar mais todos os erros e todas as falácias» se mostram mais adequados S. Tomás, S. Boaventura e o Mestre das Sentenças, já para «mover os afectos, para em tudo amar e servir a Deus», convém mais S. Jerónimo, Santo Agostinho e S. Gregório. Esta orientação estará presente tanto nas *Constituições* como na *Ratio Studiorum*. Vd. J.-C. Margolin, «La 'civilité puerile' selon Erasme et Mathurin Cordier», *Ragione e civiltas*, Milano, Franco Angeli, 1986, pp. 19-45.



(EE, 47) desempenha na contemplação o papel da *euidentia* no género demonstrativo; por isso estabelecem as *Constituições*, 157, que na admissão de candidatos à Companhia se considere a «graça no falar tão necessária para a comunicação com os próximos», recomendam os primeiros documentos pedagógicos dos jesuítas (MP I, pp. 99-100, 138-139, 356-368) obras de Erasmo como o *De duplici copia*, *De octo partium orationis constructione* ou o *De ratione conscribendis epistolis* (temporariamente excluídos por Santo Inácio voltarão a ser admitidos sob o P. Lafnez juntamente com os *Adagia*)<sup>519</sup>.

Se estes dois breves excursos, sobre o modo como os índices de livros proibidos afectaram ou não a circulação dos textos de Erasmo e sobre a sua recepção no ensino dos jesuítas, permitem entrever a extensão da presença da retórica do roterdamês, um curioso, quase que se poderia dizer um *anedótico*, episódio da história das relações erasmianas dos humanistas portugueses merece para terminar a nossa atenção<sup>520</sup>.

Erasmo revelou sempre grande relutância em compor tratados técnicos. Como o Sócrates platónico também ele poderia dizer «só sei pedir o voto a um, com a multidão não sei conversar» (*Górgias* 474a). Ao contrário de Lutero, um homem do povo que sabia falar

<sup>519</sup> Vd. G. Codina Mir, *Aux sources de la Pédagogie des Jésuites: le «modus parisiensis»*, Roma, Institutum Historicum S. I., 1968, A. Levi, «Erasmus, the Early Jesuits, and the Classics», *Classical Influences on European Culture (1500-1700)*, ed. R. Bolgar, Cambridge, Cambridge University Press, 1976, pp. 223-238, F. Dainville, *L'éducation des Jésuites (xvi<sup>me</sup>-xvii<sup>me</sup> siècles)*, Paris, Éd. de Minuit, 1978, *Les Jésuites parmi les hommes*, Clermont-Ferrand, 1987, pp. 9-19, 257-264, 375-394, A. Demoustier, «Les "Constitutions" du Collège de Messine et les premiers choix pédagogiques de la Compagnie de Jésus», *Cahiers de Fontenay* 49-50 (1988), 11-25, R. Garcia Mateo, «San Ignacio de Loyola y el humanismo», *Gregorianum* 72 (1991), 261-288, M. Fois, «L'insegnamento delle lettere al Collegio Romano», *Archivium Historiae Pontificiae* 29 (1991) 42-60, E. Gil (ed.), *El sistema educativo de la Compañía de Jesus. La 'Ratio Studiorum' — Edición bilingüe, estudio histórico-pedagógico bibliográfico*, Madrid, UPCO, 1992, pp. 17-58, J. O'Malley, *The First Jesuits*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1993, J. Ferreira Gomes, «O *modus parisiensis* como matriz da pedagogia dos Jesuítas», *Revista Portuguesa de Filosofia* 50 (1994), 179-196.

<sup>520</sup> A respeito da recepção de Erasmo em Portugal e da retórica erasmiana vd. Jorge A. Osório, *O Humanismo Português e Erasmo*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1987, *idem*, «Alguns aspectos literários de Erasmo em *Lingua* (1525)», *Revista da Faculdade de Letras do Porto* 4 (1987), 7-41, *idem*, «Christiana Persuasio Erasmi Opinione», *Revista da Faculdade de Letras do Porto* 15 (1998), 233-258.

às multidões, Erasmo, nota Chomarat, só por caridade seria capaz de se dirigir à gente simples; para mais a pregação era geralmente feita em vulgar, facto que também repugnaria ao *genius* erasmiano. Uma obra *de ratione concionandi* constituiria portanto em certa medida uma concessão à barbárie. Apesar da insistência de amigos como John Fisher, Erasmo só na Primavera de 1535 veio a entregar o *Ecclesiastes* aos herdeiros de Froben para impressão; Erasmo resignava-se a dar a lume um texto inacabado, *hemitelés*, para não sofrer as vicissitudes da obra póstuma. A mesma resistência marca o aparecimento do *De conscribendis epistolis* pois também esta obra parece resultar mais de contratempos que da vontade do autor. Primeiro saiu sem o seu consentimento com o título *Libellus de conscribendis epistolis* (Cambridge, Siberch, 1521); para limitar os danos de um tratado *mendosum et mutilum*, publicou então Erasmo no ano seguinte o *Opus de conscribendis epistolis* (Basileia, Froben, 1522). Algo de parecido sucedeu com a edição não autorizada do *Desiderii Erasmi Roterodami Compendium rhetorices ad Damianum a Goes* (Lovaina, ex officina Rutgeri Rescij, 1544)<sup>521</sup>.

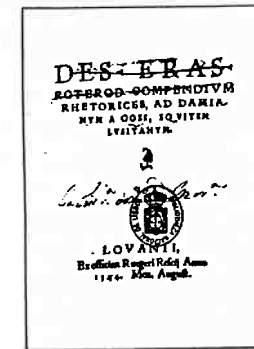


Fig. 37 — Erasmo, *Compendium Rhetorices ad Damianum a Goes*, Lovaina, 1544 (BNL, Res. 4354//1P)

<sup>521</sup> O exemplar da BNL, Pol. 2413 P, foi reproduzido em fac-símile por Luís de Matos, «Das relações entre Erasmo e os Portugueses», separata do *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* 4 (1963); P. S. Allen editou o ex. da Koninklijke Nederlandsche Akademie van Wetenschappen de Amesterdão (*Opus epistolarum*, t. x). Vd. *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam maior, ou da velhice [...] traduzido por Damião de Goes*, Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1845, e E. F. Hirsch, *Damião de Góis*, Lisboa, Gulbenkian, 1987, pp. 99-100.

No período em que viveu junto de Erasmo, Góis recebeu do anfitrião uns breves apontamentos sobre retórica para seu uso pessoal. Aludindo a essa sinopse, em duas cartas datadas de Friburgo de 11 de Janeiro e de 21 de Maio de 1535, Erasmo recorda a Góis que não deve permitir a sua publicação<sup>522</sup>. Apesar destas recomendações, Góis confiou o manuscrito a Rutgerius Rescius; este mostrou-o a Guilherme Bernaerts, professor em Lovaina, que logo pensou em publicá-lo; obtido o consentimento de Góis, as folhas acabaram impressas em Lovaina em 1544. A epístola nuncupatória de Bernaerts a Góis, datada de 2 de Agosto desse ano, torna públicas as circunstâncias do caso. Se considerarmos que Erasmo tinha falecido havia já meia dúzia de anos e começava a ser mal visto tanto entre católicos como entre reformados, a atitude de Damião de Góis só pode ser julgada como homenagem ao amigo. Igualmente compreensíveis parecem as razões que terão levado Erasmo a não querer que o opúsculo fosse dado à estampa. Na sua carta introdutória, Bernaerts, na qualidade de professor de dialéctica e retórica no Collège du Château, observa que se no ensino da dialéctica se podia valer de Aristóteles, já em relação à retórica sentia a falta de um manual elementar que fornecesse os rudimentos da arte; havia os tratados de Cícero, Quintiliano e Aristóteles, de Hermógenes e Trebizonda, acrescenta, mas essas obras eram demasiado difíceis e extensas para serem propostas aos *rudibus*; assim justifica Bernaerts a publicação dos apontamentos de Erasmo, considerando-os a resposta adequada às necessidades pedagógicas, «hoc praesertim tempore, quo nulla Rhetorices methodus scholis apta satis extat». É claro, como bem notou Luís de Matos, que o editor exagera nos elogios: se Erasmo mostrou alguma relutância em dar a lume o *Ecclesiastes* e o *De conscribendis epistolis*, muito mais razão teria para não querer em letra de forma estas modestas *tabulae*.

Esquemáticamente apresenta-se um programa tripartido de estudo dos rudimentos da retórica, *ars*, *artifex* e *opus*, isto é, percorrem-se os três *genera causarum*, os cinco *artificis officia*, as seis *operis partes*. Com mais detença é tratada a teoria dos *status* e dos *loci argumentorum*, segundo os três tipos de discurso. O escopo prático da ordenação evidencia-se na ilustração dos doze *loci argu-*

*mentorum* com exemplos, bem assim na sua aplicação aos géneros deliberativo e demonstrativo. Correspondendo à prática contemporânea, privilegia-se a oratória epidíctica, referindo os *exempla* e os *loci communes* adequados à *laus et uituperatio*, os *bona externa* (*patria, genus, opes, honores, aedificia, uxor, liberi*, etc.), os *bona corporis* (*aetas, forma, dignitas, uires, salubritas, uocalitas, plectrum articulatum*, etc.), os *bona animi* (*docilitas, ingenii dexteritas, memoria fidelis, sanitas, pietas, fortitudo, prudentia, moderatio, iustitia, comitas*, etc.). O fundo latino sobressai no uso das categorias do *De inuentione*, da *Ad Herennium*, mas também do *De oratore* e da *Institutio Oratoria* relativamente à estrutura do discurso, às funções e espécies de exórdio (o melhor será aquele *quod ex causae uisceribus sumitur*, cf. *De Oratore* 2.78.318), às qualidades da *narratio* (*breuis, dilucida, uerisimilis, apposita ad causam*), onde devem surgir já as sementes da argumentação (*argumentorum inspersa semina*, cf. *Institutio Oratoria* 4.2.54), cujo limiar é a *diuisio*, que deve primeiro apresentar o *statum et caput causae* e depois as partes e a ordem da oração. A valorização da *elegantia*, que resulta da *copia* e da *perspicuitas*, sobressai ao fim num breve elenco de *amplificandi rationes ac minuendi*, de formas de *locupletatio* e de *schemata* entre os quais se destaca a metáfora. A fidelidade de Erasmo à tradição clássica manifesta-se também nestas folhas em contraste com as novidades melanchthonianas.

### 3.3. As retóricas de João Vaseu e Joaquim Ringelberg

Ora, justamente, um sinal inequívoco da repercussão que tais inovações conheceram entre nós encontra-se em duas retóricas que marcam os limites temporais do período de maior difusão do humanismo renano-flamengo em Portugal; referimo-nos à *Collectanea rhetorices* de João Vaseu, publicada em 1538 em Salamanca, e à *Rhetorica* de Joaquim Ringelberg, dada à estampa no ano de 1550 em Coimbra pelos impressores régios João de Barreira e João Álvares; ambos manuais não podem deixar de ser relacionados pois não são apenas as origens geográficas dos seus autores que os aproximam<sup>523</sup>.

<sup>523</sup> Servimo-nos dos seguintes exemplares: IOANNIS VASAEI BRV/gensis Collectanea/ Rhetorices/ In gratia eorum, qui grauioribus occupa/ti disciplinis,

<sup>522</sup> Transcrevemos com a devida vénia a versão de Luís de Matos do passo em causa: «Se fosses meu inimigo figadal, não me poderias dar maior prova de inimizade do que autorizares a impressão das folhas que te eram exclusivamente destinadas» (P. S. Allen, *Opus Epistolarum*, xi, cartas 2987 e 3019).

Embora não estivesse nos planos do fundador, a retórica rapidamente adquiriu estatuto próprio no Colégio de S. Paulo, instituído em 1532 por D. Diogo de Sousa<sup>524</sup>. O prelado, que fora discípulo de Cataldo Sículo, pensava abrir apenas classes de gramática e de lógica, esperando decerto que os rudimentos da eloquência fossem propinados pelo mestre de gramática<sup>525</sup>. Mas, nesse mesmo ano de 1532, morreu o arcebispo e as coisas tomaram outro rumo. O sucessor na sé bracarense, o infante D. Henrique, querendo, no dizer de Clenardo, instituir «non triualem quendam ludum», reformulou o projecto inicial, providenciando os meios indispensáveis à criação de uma verdadeira escola humanista. Para o novo colégio, inaugurado em 15 de Novembro de 1537, vem então no ano seguinte, a convite de D. Henrique, João Vaseu (Bruges, c. 1510 - Salamanca, 1561), a fim de ensinar os preceitos da eloquência. João Vaseu, como ficou conhecido entre nós (Jan Was em flamengo, Vasaeus na forma latina), tinha estudado as línguas sacras em Lovaina e encontrava-se na Península Ibérica desde 1531, quando, por indicação de André de Resende, veio organizar a biblioteca de Fernando Colombo, a futura Colombina de Sevilha. Em Outubro de 1534 visitara o seu compatriota Nicolau Clenardo em Évora e este convencera-o a estabelecer-se em Salamanca; aqui continuou os seus estudos jurídicos, ensinando simultaneamente Latim, Grego e Retórica, sempre com extraordinário sucesso<sup>526</sup>. É ainda em

prolixiores ueterum cōmen/tarios euoluere non possunt./ ANNO M.D.XXXVIII/ (BNL, Res. 2420 P); IOACHIMI/ RINGELBERGII/ ANTVERPIANI/ RHETORICA./ DISTICHON./ Quisquis auet praecepta breui sermone tenere/ Rhetorica, hunc librum uerset utraque manu./ Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium,/ & Ioannem Aluarum./ M. D. L./ (BPE, Res. 303; BNL, Res. 4621 P).

<sup>524</sup> Na provisão que cria o novo colégio diz-se que o arcebispo de Braga quer que «aja dous mestres que insynem de ler e sprever, e hum mestre com seu repitidor que ensyne de Gramatica, e outro que ensyne de Loguica, os quaes ensinaram de graça a toda pesoa que hy vier aprender», apud J. S. Silva Dias, «Braga e a cultura portuguesa do Renascimento», separata de *Philosophica Conimbricensia*, 1 (1972).

<sup>525</sup> Na sua geração ainda era comum situar a arte oratória no âmbito gramatical; sobre as relações de D. Diogo de Sousa com Cataldo vd. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pp. 83-105.

<sup>526</sup> Depois do magistério bracarense de 1538 a 1541, passará a Évora a fim de dirigir a escola de humanidades criada pelo cardeal-infante D. Afonso; em 1550 regressa à universidade de Salamanca onde dois anos volvidos será nomeado titular da cadeira de Prima de Gramática, vd. Luís de Matos, «Vaseu», *Dicionário de História de Portugal*, vol. VI, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985.

Salamanca que faz imprimir em 1538 a sua *Colectanea Rhetorices*, mas, estando prestes a mudar-se para Portugal, dirige-a já, como se pode ler na carta dedicatória, aos alunos do Colégio de S. Paulo. Depois de recordar as circunstâncias que motivaram a composição, agradece nessa epístola ao Infante D. Henrique o apreço que lhe manifestara, ao confiar-lhe a direcção dos estudos bracarenses. Redigido para benefício dos alunos que ocupados com o estudo de matérias mais difíceis não dispunham de *otium* para ler as obras maiores dos antigos, o manual destinava-se também aos escolares portugueses, embora resultasse da experiência docente que Vaseu vivera em Salamanca<sup>527</sup>.

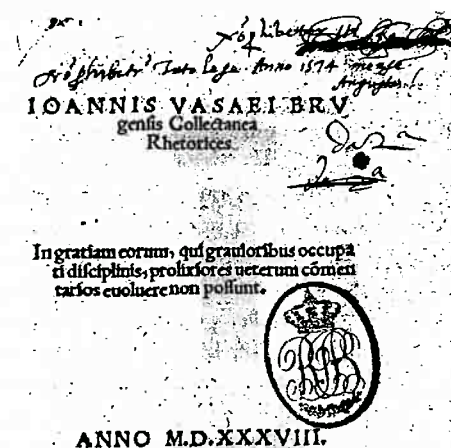


Fig. 38 — João Vaseu, *Collectanea rhetorices*, Salamanca, 1538 (BNL, Res. 2420 P)

À primeira vista a *Collectanea Rhetorices* poderá parecer nada inovadora; nos 59 fólios deste compêndio, o dobro da extensão do livrinho de Ringelberg, Vaseu resume a teoria dos *tria genera causarum*, descreve os *officia oratoris*, apresenta na *inuentio* as partes

<sup>527</sup> Vaseu justifica a composição da obra com a insistência dos estudantes, «erant enim ita frequentes, ut uel uim facere possent», que desejavam ter em volume impresso o que ouviam ao mestre «in lectionibus, declamationibus atque aliis scholasticis exercitamentis». Vaseu remetia-os para Cícero, Quintiliano e outros autores antigos, mas eles alegavam que não tinham tempo para estudarem autores tão complexos e prolixos, cf. *Collectanea rhetorices*, fol. II-III.



do discurso, elenca na *elocutio* os tropos e figuras. A desejada brevidade, o escopo pedagógico do manual aconselhavam certamente a adoptar um esquema reconhecido; no entanto, as escolhas do autor, as autoridades de que se socorre e algumas novidades justificam que nos detenhamos um pouco. Desde logo, chama a atenção a definição inicial, *Rhetorica est bene dicendi scientia*; mais do que uma preferência por Quintiliano, que não se confirma ao longo da obra, o que avulta é a perspectiva beletrística, a tendência, comum entre os humanistas do Norte, para hipertrofiando a *inuentio*, reduzirem a arte oratória à *elocutio*<sup>528</sup>. De facto, o que sobremodo interessa a Vaseu, na primeira parte, é apresentar os *loci* que convêm a cada parte do discurso, aos diversos *status* e aos vários géneros oratórios. Como era comum, demora-se no tratamento do exórdio, mas detém-se igualmente na teoria da *peroratio*, transcrevendo um longo passo do *De inuentione dialectica* de Rodolfo Agrícola (*DID* 2.17).

A questão revestia-se então de grande interesse. A *peroratio* latina compunha-se de duas partes, *recapitulatio*, o resumo dos factos que releva do *docere*, e *indignatio* ou *miseratio* que diz respeito ao *mouere*, conceitos retóricos, e não psicológicos, que por sua vez se dividiam em vários elementos; na *indignatio* os mais importantes eram a *atrocitas* e a *uebementia*, a que correspondiam a descrição viva da *euidentia* e as proposições gerais dos *loci*. Ora, esta teoria da *peroratio* sofrera nos *Elementa rhetorices* de Melanchthon uma profunda alteração: ao tratar da *conclusio*, o *praeceptor Germaniae* ocupa-se da *indignatio* mas não da *uebementia*, porque tinha remetido os *loci* para o género didascálico, assim reduzindo o *mouere* na *peroratio* ao elemento psicológico, ao 'choque das imagens' da

*atrocitas*. Fazendo sua a explanação de Agrícola, Vaseu mantém-se rigorosamente fiel à doutrina clássica<sup>529</sup>.

Do mesmo modo procede quando enumera pela primeira vez os *tria genera causarum*; mas — e aqui, estamos em crer, reside a principal novidade do manual — regressando depois ao desenvolvimento do assunto, Vaseu não deixa de se referir, ainda que com reservas, ao género didascálico, inovação introduzida por Melanchthon: «No género demonstrativo classificam alguns o género didascálico, designação que até agora evitei, por apenas os modernos a empregarem.»<sup>530</sup> Os inconvenientes que vê Vaseu são apenas de ordem pedagógica, a tripartição aristotélica aprender-se-ia mais facilmente porque se liga aos três deveres do orador, *docere, mouere, delectare*<sup>531</sup>.

<sup>529</sup> «Perorationis rationem eleganter explicat Rodolphus Agricola lib. II, cao. XVII, his uerbis [...], *op. cit.*, fol. 22r.º O sentido pejorativo que *pathos* e *mouere* adquiriram modernamente dando origem a antinomias como razão e paixão, *inuentio* e *elocutio*, res 'dialéctica' e forma 'retórica', terá provavelmente as suas raízes na distorção melanchthoniana da teoria latina, vd. F. Goyet, «La métamorphose du *docere* chez Agricola et Melanchthon», *Rhetoric, Rhétoriqueurs, Rederijkers*, ed. J. Koopmans, Amsterdam, North-Holland Publishers, 1995, pp. 53-65.

<sup>530</sup> «De genere Didascalico. Genere demonstratiuo addunt genus Didascalicum, quod nomen, quia neoterici tantum posuerunt, superius silentio praeteriui», *cf. op. cit.*, fol. 37v-38v. A retórica de Melanchthon saiu sob o título *De rhetorica* (Wittenberg, 1519), *Institutiones rhetoricae* (Hagenau, 1521) e *Elementa Rhetorices* (Wittenberg, 1531). Aqui escreve: «Vulgo tria numerant genera causarum. Demonstratiuum, quo continetur laus et uituperatio. Deliberatiuum, quod uersatur in suadendo et dissuadendo. Iudiciale, quod tractat controuersias forenses. Ego addendum censeo didaskalikón genus, quod etsi ad dialecticam pertinet, tamen, ubi negotiorum genera recensentur, non est praetermittendum, praesertim, cum hoc tempore uel maximum usum in Ecclesiis habeat [...]», vd. J. Knappe, *Philipp Melanchthons Rhetorik*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, p. 123. A esta questão nos referimos em «António Pinheiro e os seus *In tertium M. Fabii Quintiliani librum Commentarii* (1538)», *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 14 (1997), 329-341.

<sup>531</sup> F. Solmsen considerou aristotélica a teoria dos *tria genera causarum*, ideia suportada no testemunho dos antigos (Quintiliano, 3.4.1). A *Rhetorica ad Alexandrum*, por muitos atribuída a Anaxímenes, teria sido alterada na frase inicial precisamente para parecer mais aristotélica, quando apenas referiria dois géneros e sete espécies. A questão no entanto é controversa: V. Buchheit contestou a emenda proposta por Spengel, mas logo foi contraditado por Fuhrmann e K. Barwick. Talvez a tripartição de géneros não fosse corrente no século IV; como pretendia Solmsen, talvez a teoria tenha resultado da superação da mera observação empírica graças ao método dedutivo do filósofo, vd. F. Solmsen, «The Aristotelian

<sup>528</sup> *Cf. op. cit.*, fol. 1; idêntica concepção surge na carta dedicatória quando Vaseu se refere ao seu magistério gramatical e retórico: «[...] tum bonos auctores enarro, tum uero Rhetoricen trado, cum ex lectionibus meis cognoscerent omnem bene dicendi ac scribendi rationem et facultatem [...]», fol. II v.º Se era geral o interesse dos humanistas pela retórica, tal preferência por uma cultura mais *humana* não deixava todavia de repercutir particularismos locais que se revelavam também no modo de entender a economia das artes do discurso; neste ponto a perspectiva do humanismo do Norte da Europa contrastava com a orientação mais seguida na Itália, vd. J. McNally, «Rector et Dux Populi: Italian Humanists and the Relationship between Rhetoric and Logic», *Modern Philology*, 67 (1969), 168-176.

Maiores objecções, na verdade, neste mesmo ano de 1538, pôs à teoria melanchthoniana António Pinheiro no comentário que, em Paris, publicou sobre o livro III de Quintiliano. Vaseu acrescenta ainda que está este género mais próximo da composição literária ou académica e que consta de duas espécies, questões simples (o que é a virtude, o que é a justiça, etc.) e questões complexas (deve-se ou não buscar a glória, pode o cristão ou não fazer a guerra), questões muito erasmianas, que como notava Melanchthon faziam deste género o mais adequado à polémica religiosa<sup>532</sup>.

Outro ponto a reter ainda em relação ao manual de Vaseu é o da bibliografia que convoca. Como se percebeu já as autoridades que mais aprecia são Erasmo, que cita pelo menos dezoito vezes, e Rodolfo Agrícola, merecedor de seis citações bastante extensas. O teor do opúsculo ficará mais nítido ainda se se disser que a *Retórica* de Aristóteles é referida quatro vezes e que naturalmente está bem representada a tradição helenístico-bizantina através de citações de Trebizonda, da *Retórica a Alexandre*, de Hermógenes e Aftónio. A constante solicitação de exemplos ciceronianos, sobretudo hauridos no *Pro Sexto*, no *Pro Milone* e no *Pro lege Manilia*, só confirma a preferência por essa corrente retórica que vai de Jorge de Trebizonda a Agrícola e de Erasmo a Melanchthon, embora nunca refira o nome do *praeceptor Germaniae*.

Pela sua circulação, primeiro entre os alunos bracarenses e, a partir de 1541, entre os escolares de Évora, muito deve ter contribuído a *Colectanea rhetorices* para o conhecimento dos desenvolvimentos teóricos da retórica do Norte da Europa. O erasmismo da corte, a presença entre nós dos flamengos João Vaseu e Nicolau Clenardo, a

---

Tradition in Ancient Rhetoric», *American Journal of Philology*, 62 (1941), 35-50 e 169-190, e D. Mirhady, «Aristotle, the *Rhetorica ad Alexandrum* and the *tria genera causarum*», *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, ed. W. Fortenbaugh, London, Transaction Publishers, 1994, pp. 54-65.

<sup>532</sup> Inicialmente Melanchthon propõe o *genus didaktikon* como subgénero do demonstrativo (*De rhetorica*, 1519), depois procede à sua autonomização como *genus dialecticum* (*Institutiones rhetoricae*, 1521), quarto género a que chamará, por fim, *genus didascalicum*, nele englobando o sermão (*Elementa rhetorices*, 1531). A influência da sua obra sente-se em autores peninsulares como Alfonso de Zorrilla, García Matamoros ou Frei Luís de Granada, vd. G. Galán Vioque, «Los tratados de retórica de Felipe Melanchthon», *Primer encuentro interdisciplinar sobre retórica, texto y comunicación*, ed. A. Ruiz Castellanos, Cádiz, Universidad de Cádiz, 1994, pp. 210-215.

formação parisina-lovaniense de quem dirigiu a reforma do ensino nas escolas dos cruzios e dos jerónimos, o regresso maciço dos bolseiros barbaranos de D. João III para a Universidade e para os colégios de Coimbra e Braga, a origem complutense ou parisina dos mestres palacianos em Lisboa, Évora ou Vila Viçosa, a preparação intelectual recebida pelos jesuítas e a orientação pedagógica que adoptaram nos primeiros tempos, todos estes factores contribuíram para neste período substituir o modelo italiano pela influência do humanismo norte-europeu.

Assim se compreenderá porque foram escolhidos os compêndios de Ringelberg e de Trebizonda quando se tornou necessário oferecer aos alunos do Colégio das Artes manuais para o estudo da retórica e da dialéctica; dos prelos conimbricenses dos impressores régios João de Barreira e João Álvares sai em 1550 — quando Vaseu concluía a sua carreira pedagógica em Portugal — a *Ioachimi Ringelbergii Antuerpiani Rhetorica* e no ano seguinte a *Georgii Trapezontii Dialectica*, acompanhada das anotações de Diogo de Contreiras<sup>533</sup>.

Na edição conimbricense de 1550, a *Rhetorica* de Ringelberg é um singelo volume *in-octavo* com apenas 56 páginas; a portada apresenta os seguintes dizeres: IOACHIMI/ RINGELBERGII./ ANTVERPIANI/ RHETORICA+/ DISTICHON./ Quisquis auet praecepta breui sermone tenere/ Rhetorica, hunc librum uerset utraque manu./ Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium,/ & Ioannem Aluarum./ M. D. L./<sup>534</sup>.

O pouco que se sabe sobre Joachim Sterck van Ringelberg resume-se a esparsas notas autobiográficas. Nasceu Joachimus Fortius Ringelbergius em Antuérpia provavelmente em 1499; desconhece-se a data da sua morte, mas terá ocorrido ainda na primeira metade do século XVI, depois de 1531. Cresceu na corte do imperador Maximiliano; pelos 17 anos passou a Lovaina a fim de

---

<sup>533</sup> Não é correcto afirmar-se que foram os jesuítas que substituíram o contacto com as fontes clássicas pelo uso de manuais modernos. A publicação e uso escolar dos compêndios de Clenardo, Vaseu, Ringelberg e Trebizonda provam o contrário; por outro lado, como adiante se verá, o *De arte rhetorica* de Cipriano Soares, longe de afastar os alunos do convívio com os tratadistas antigos, pretendia ao invés facilitar esse acesso proporcionando um *digest* que se limitava a ordenar em termos de eficácia pedagógica os trechos escolhidos dos retores greco-latinos.

<sup>534</sup> Consultámos os exemplares da BPE, Res. 303, BGUC, R-18-11, e da BNL, Res. 4621 P.

estudar, além de latim, a dialéctica e a física aristotélicas; matriculado na Universidade em 1519, terá frequentado também as classes do Colégio Trilingue; nos anos seguintes dedicou-se ao estudo do grego e da matemática e à prática das artes da pintura e da iluminação. Em 1527 viaja pela Alemanha, mas, em finais de Agosto de 1529, encontra-se já em Paris, iniciando então uma carreira pedagógica que o há-de levar a Orleães, Bourges, Lyon e Basileia, onde fez imprimir grande parte da sua obra. À intensa e prolixa actividade deste curioso erudito, que ganhou fama também pelas suas excentricidades, é deveras impressionante: além de opúsculos de dialéctica, retórica e pedagogia, que tiveram numerosas edições, compôs breves tratados de ética e psicologia, de aritmética, astronomia e astrologia, de óptica, botânica e zoologia. Visitou Erasmo duas vezes em Basileia e dele recebeu em troca alguns versos latinos. Relacionou-se com Oporinus, o corrector de grego de Froben, com Adrien Amerot e com Andreas Hypérius que o louvou numa *oratio* pronunciada diante do Parlamento de Paris<sup>535</sup>.

Se o humanista de Antuérpia não foi figura apagada no seu tempo, nem a sua presença na cultura portuguesa se cinge ao manual de retórica, uma vez que das suas obras se guardam no fundo antigo das nossas bibliotecas pelo menos nove exemplares, força é reconhecer todavia que Ringelberg estava longe de ser um

<sup>535</sup> Vd. Melchior Adam, *Vitae Germanorum philosophorum*, Frankfurt, Typis Johannis Lacelloti, 1615, *Biographie Nationale de Belgique*, t. XIX-XX, col. 346-359, C. Vasoli, *La dialettica e la retorica dell'Umanesimo*, Milano, Feltrinelli, 1968, pp. 249-277, e *Contemporaries of Erasmus*, ed. P. Bietenholz, Toronto, University of Toronto Press, 1985-1987. Os *opera omnia* de Ringelberg tiveram uma primeira edição incompleta em Lyon (Gryphius, 1531), da qual há uma reprodução moderna (Nieuwkoop, B. de Graaf, 1987). A edição final saiu em Basileia, em 1536, sob o título *Lucubrationes uel potius absolutissima kuklopaideia*, reunindo vinte e sete opúsculos e cinco cartas. Muitos mereceram edições em separado. O *De ratione studii*, de todos o mais conhecido, foi publicado por vezes com o tratado homónimo de Erasmo; inúmeras edições tiveram os opúsculos de dialéctica e retórica, bem como os textos sobre astronomia; outros títulos: *Elegantiae*; *De usu uocum quae non flectuntur*; *Compendium de conscribendis uersibus*; *Elementa graeca*; *Schemata*; *Sententiae*; *Liber de formis dicendi*; *Synonyma*; *Opusculum de periodis*; *Sphaera*; *Liber de tempore*; *Optice*; *Chaos mathematicum*; *Arithmetica*; *Horoscopus*; *Astrologia cum Geomantia et Physionomia*; *De urina non uisa et interpretationum somniorum*; *Experimenta*; *Liber de Homine*.

dos mestres mais seguidos<sup>536</sup>. Que razões terão levado, então, os professores do Colégio das Artes a encomendar a edição do humanista batavo? Em que medida conviria o opúsculo de Ringelberg ao ensino praticado em Coimbra? O motivo principal da escolha deste manual residirá, certamente, na sua conformidade com as tendências doutrinárias dominantes entre os mestres bordaleses. Outro motivo, porém, se afigura muito plausível: visto que a edição de obras como os *Elementa Rhetorices* de Melanchthon (Wittenberg, 1531), a *Rhetorica* de Johann Caesarius (Paris, 1538) ou os *Elementa rhetorices* de Camerarius (Basileia, 1545), por razões religiosas estava fora de causa, a opção pelo manual de Ringelberg não só satisfazia do ponto de vista pedagógico como aparentava ser inócua perante os inquisidores. Na verdade, o nome de Ringelberg não consta na *Prohibiçam* de 1547 nem no *Rol dos liuros defesos* de 1551, nem, mais importante, nos registos dos livros apreendidos em 1550 aos mestres do Colégio das Artes; só no *Index* de 1559 — e é bem reconhecida a extrema severidade do rol do Papa Carafa — encontramos uma referência ao humanista flamengo, mas, mesmo aí, o interdito apenas incide sobre a obra astrológica: «Ioachimi Ringelbergen. opera omnia Geomantiae, & cuiusuis generis Diuinationes.»<sup>537</sup>

A estrutura da obra de Ringelberg é clara. Abre com uma página em que define a arte retórica face à dialéctica. A esta introdução, seguem-se três partes, um extenso painel central, rodeado de dois pequenos quadros. Na primeira parte, dedica quatro páginas à doutrina dos *genera causarum*; na segunda, expõe em quarenta e cinco páginas a teoria da *inuentio*; na terceira e última parte, em apenas quatro páginas, percorre os restantes *officia oratoris*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *memoria* e a *actio*.

Trata-se, portanto, de uma obra centrada quase exclusivamente na *inuentio* e ainda aqui se mostra muito selectiva. Para dar maior coesão ao enunciado didáctico, identifica a *inuentio* com os preceitos relativos

<sup>536</sup> *Dialectica & rhetorica*, Paris, apud Benedictum Gormontium, 1534 (BNL, Res. 5441//2 P; BNL, F. 4996); *Rhetorica*, Paris, apud Ioannem Macaeum, 1536 (BNL, F. 4996, Res. 5441//1 P), Coimbra, apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarum, 1550 (BPE, Res. 303 — A; BNL, Res. 4621); *Opera*, Lyon, apud Gryphium, 1531 (BNL, Res. 5978//3 P; BNL, P. 789 P); *Liber de ratione studij*, Basileia, Bartholomeus Vesthemervs, 1541 (BGUC, R-18-11).

<sup>537</sup> VD. *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no Século XVI*, ed. A. Morcira de Sá, Lisboa, INIC, 1983.



a cada uma das partes do discurso. Por isso se intitula o núcleo central do compêndio *De partibus orationis siue inuentionis*. Com efeito, é a este formato, das partes da *oratio*, que o autor submete os princípios gerais da *inuentio*, as distintas formas de argumentação, as séries de argumentos, a teoria da *stasis*, os *loci* adequados aos diferentes estados de causa. Assim, na estrutura do discurso, Ringelberg valoriza mais a *peroratio* que trata em sete páginas, o *exordium* a que dedica onze e, sobretudo, a *confirmatio/confutatio* que se estende por dezoito longas páginas porque aqui insere a teoria dos *status*<sup>538</sup>.



Fig. 39 — Joachim Ringelberg, *Rhetorica*, Coimbra, 1550 (BPE, Res. 303)

De uma maneira geral, no tratamento das *partes orationis*, Ringelberg adopta a doutrina ciceroniana, haurida no *De Oratore*, no *Orator* e sobretudo no *De inuentione*, embora faça notar que os preceitos do Arpinate se aplicam sobretudo ao género judicial.

<sup>538</sup> A *narratio* consagra cinco páginas (pp. 21-24), seguindo mais Quintiliano (*Institutio Oratoria*, 4.2.9-20) que Cícero ou a *Ad Herennium* (distingue apenas duas espécies, a exposição dos factos e a digressão, exemplificadas com discursos ciceronianos, *Pro Ligario*, *Pro Balbo*, as *Metamorfoses* de Ovídio e a *Eneida*). Com a *diuisio* gasta apenas três páginas (pp. 25-27), indicando os seus géneros e espécies; entre estas conta-se a *enumeratio* cujo valor didáctico sublinha: «ad hunc modum, artificium et Dialectices et Rhetorices in praelegendis autoribus excutiemus», vd. *Rhetorica*, p. 25.

A teoria é constantemente ilustrada com exemplos dos discursos ciceronianos, retirados frequentemente das *orationes In Catilinam*, *In Verrem* e, mais vezes ainda, da *Pro Ligario*. Do *De inuentione* transcreve também conhecidos *exempla* como o que aí era proposto para ilustrar o estado conjectural (*De inuent.* 2.14-15). A propósito da *narratio*, insere uma longa secção sobre a *digressio* (pp. 23-25), onde, como sucede ao longo do opúsculo, recolhe abundante exemplificação colhida na poesia latina, mormente em Virgílio, Ovídio e Terêncio. Aliás, é à *Andria* do Africano que lança mão para mostrar, como se obtém a desejada correspondência entre a *enumeratio* e a *expositio*, aproveitando o ensejo para formular um método a seguir nas prelecções escolares: «desta maneira examinaremos os recursos dialécticos e retóricos na explicação escolar dos autores.» No tratamento da *confirmatio* e da *confutatio*, que segue de perto a *Ad Herennium* 1.4, frisa-se a relevância da acção pois é também do uso adequado do *uultus* que se gera a credibilidade. Do mesmo manual latino depende a exposição da teoria da *stasis*: em vez dos géneros e espécies de *status* da doutrina hermagórica, adaptada no *De inuentione* e na *Institutio Oratoria*, encontramos o esquema simplificado das *constitutiones coniecturalis, legitima e iudicialis* da *Ad Herennium* (1.18-19, 1.24). A *iudicatio*, por exemplo, é subsumida na *constitutio coniecturalis* («in coniecturali causa, iudicatio nihil differt a constitutione», p. 44). Ringelberg nota que em Cícero os preceitos são formulados tendo em conta sobretudo o género judicial quando a doutrina podia estender-se a outras formas de oratória e mesmo à história e à poesia, asserto que exemplifica com largos recursos. O comprazimento com a tópica, muito característico, logo se manifesta a propósito do *status coniecturalis*. Referimos este caso como exemplo das possibilidades de desagregação das *sedes argumentorum*. A *coniectura* comportaria os seguintes *loci*: *persona, res, causa, locus, modus, materia, tempus, occasio, facultas*; mas cada um destes lugares poder-se-ia ainda dividir em dezenas de elementos (*persona*: *nomen, natura, educatio, fortuna, adfectio animi, habitus corporis, studium, consilia*), que por sua vez ainda comportariam subdivisões e estas novas categorias (*natura*: *sexus, natio, patria, aetas*). Na verdade é quando se chega a este nível de particularização que o *locus* se reveste do sentido pejorativo moderno<sup>539</sup>. Não se perde porém o escopo utilitário

<sup>539</sup> A pretexto da tópica relativa à *natio* encontramos um pormenor delicioso: João Vaseu, que em relação ao género feminino se mostrara pouco curial, *admirabi-*

desta ferramenta dirigida quer à interpretação quer à composição; Pierre de la Ramée enquadrava-a no seu método bipartido, *analysis* (*auditio, lectio*) e *genesis* (*scriptio, dictio*). Um aspecto em que mais se evidenciaria essa eficácia didáctica estava certamente na abundante ilustração dos preceitos; embora nem sempre seja fácil reconhecer os exemplos, sobretudo os que são notoriamente fictícios, constituíam um fundo comum que com ligeiras variantes se repetiam de autor para autor; muitas das remissões aduzidas por Ringelberg (os *processos* de Orestes e de Ulisses, as lendas primitivas romanas, as causas ciceronianas) encontrámo-las igualmente nos comentários de António Pinheiro à doutrina da *stasis* em Quintiliano.

O longo espaço concedido à teoria da *stasis* não desprezita a tradição, embora outros humanistas a tratem de forma mais contida. De facto, na retórica latina sempre se verificou uma hipertrofia dos *status* na *inuentio* (cf. *De inuentione*), e das figuras na *elocutio* (cf. *Ad Herennium*)<sup>540</sup>.

Os demais *officia oratoris* são quase esquecidos, mas dessas quatro partes da arte, aquela que ainda assim merece maior atenção é a *dispositio* pois ocupa tanto espaço quanto a *elocutio*, a *memoria* e a *actio*. A hipertrofia da invenção, um interesse moderado pela disposição confirmam a perspectiva geral adoptada por Ringelberg. Aqueles *officia, inuenire et disponere*, comuns a ambas as artes, são sobrevalorizados porque se entende a retórica como contrapartida, como a outra face da dialéctica. Neste quadro, mais avulta a atenção que, na primeira parte, se dirige à teoria dos *genera causarum*. De facto, aqui reside a principal novidade do opúsculo, quando na esteira de Melanchthon destaca o género demonstrativo, acentuando a função do *docere* que se concretiza no discurso dialéctico, tipo a que chama também didáctico ou metódico.

Começa o autor por definir a arte oratória do seguinte modo: «Chamamos Retórica à arte de bem falar. É diferente da Dialéctica porque a esta pedimos o nervo, a robustez de todo o discurso, à Retórica o ornato, ou, dito de outro modo, porque a Dialéctica traça primeiro as linhas, a Retórica cobre-as de cores vivas.»<sup>541</sup> Não se entende pois a retórica à maneira aristotélica como «a capacidade que faz ver o que é adequado a cada caso para persuadir» (*Rhet.* 1355b25), ou ciceroniana como *facultas* que permite «dicere adposite ad persuadendum» (*De inuent.* 1.6, Quintiliano, *IO*, 2.15.5). Ringelberg prefere a concepção beletrística, a *bene dicendi scientia*, da qual decorre a definição quintilianista típica do moralismo parisiense: *Orator est uir bonus dicendi peritus* (p. 3). Mas é na dialéctica que encontra o discurso os seus nervos e músculos, *neruos et robur*. Como Agrícola e Latomus, Ringelberg reconhece nos *loci* as *sedes argumentorum*, que são comuns à dialéctica e à retórica. À luz da teoria estilística de Hermógenes, a *oratio* reproduzia analogamente a estrutura do corpo humano, de tal modo que a análise retórica se apresentava como uma anatomia do discurso: aos ossos equivalem os argumentos da *inuentio*, aos nervos a ordem da *dispositio*, à carne a *elocutio*, ao espírito a *memoria*, ao movimento a *actio*<sup>542</sup>.

Até aqui nada de novo, mas não assim na teoria dos géneros de causas. Ringelberg, como Vaseu, intitula esta secção *De tribus causarum generibus* (p. 4), decerto por causa do peso da tradição ou por razões pedagógicas. Indica como exemplo de discurso demonstrativo o *Panegyricus* de Plínio, na oratória deliberativa situa a *Solis apud Ouidium oratio* e como modelo de discurso judicial aponta inúmeras orações de Cícero e Demóstenes<sup>543</sup>. Quanto ao

<sup>541</sup> «Rhetorices ac Oratoris descriptio. Rhetorice nuncupamus bene dicendi scientiam. Distat a Dialectica, quod neruos omnes et robur orationis totius petimus a Dialecticis, ornatum a Rhetoricis, aut quod Dialectice primas ducit lineas, Rhetorice uiuos addit colores», *op. cit.*, p. 3.

<sup>542</sup> A alegorização do discurso constituía um velho tópico, anterior a Hermógenes. Já Aristóteles considerara o entimema o corpo da prova, *soma tes pisteos* (*Rhet.* 1354a), e Demétrio de Faléron tinha comparado o *comma* à falange, o *colon* ao dedo, o período à mão, a prosa ao corpo, vd. D. Innes, «Period and Colon: Theory and Example in Demetrius and Longinus», *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, ed. W. Fortenbaugh, London, Transaction Publishers, 1994, pp. 36-53.

<sup>543</sup> Ainda aqui a divisão dos géneros nas suas espécies denuncia a perspectiva literária deste ensino: ao género demonstrativo pertence a descrição, que noutro sentido é também um dos *progymnasmata*, *descriptio* de pessoas, regiões, quintas,

*lior enim in foemina, quam in uiro uirtus*, neste ponto tinha-se precatado, não fosse ferir a susceptibilidade dos seus leitores, dos Hispanos diz que são pacientes nos trabalhos (*laborum tolerantia*); ao invés, Ringelberg, que nunca teve que com eles conviver, elenca os *loci* da praxe de outra forma, *Latini superciliosi sunt, Germani bellicosí, Galli leues, Poeni perfidi, Graeci mendaces sed amatores literarum, Hispani iactabundi*, os hispanos... são fanfarrões.

<sup>540</sup> Sobre esta complexa questão veja-se a excelente síntese de L. Calboli-Montefusco, *La dottrina degli «status» nella retorica greca e romana*, Hildesheim, Olms-Weidmann, 1986.

fim de cada género, reporta a *honestas* ao demonstrativo, a *utilitas* ao deliberativo, a *aequitas* ao judicial. O tempo futuro é próprio do deliberativo, o género forense situa-se no passado se trata de uma causa *in iudicio*, no futuro quando a causa é *extra iudicium*; já o demonstrativo versa factos passados. Ringelberg afasta-se da tradição latina clássica que ligava a *deliberatio* à *honestas* (*Ad Herennium* 3, Quintiliano e Cícero) para preferir a versão aristotélica que a associava à *utilitas*<sup>544</sup>. Mas é na definição do género demonstrativo que assoma a maior novidade: «Demonstratiuum genus est quo laudamus, uituperamus, narramus aut docemus aliquid» (pp. 4-5). Não se circunscribe o género à *laus et uituperatio*, não se respeita a equação que habitualmente se estabelecia entre os três géneros de causas, os três *genera dicendi* e as funções de *docere*, *delectare* e *mouere*. Transferido o *docere* para o discurso epidíctico, é ao género demonstrativo que Ringelberg concede mais atenção (pp. 6-7), tornando-se clara a dívida para com Melanchthon:

O género dialéctico é aquele que mostra a essência de qualquer tema, simples ou complexo. Também se chama didáctico ou metódico, quando se discursa acerca do mundo, de Deus e do homem, ou quando se procura saber se é a prudência uma virtude. Todas estas questões têm a ver com os argumentos dialécticos e por isso daí tiram o nome. Neste género compôs Cícero o tratado *Dos Deveres*.<sup>545</sup>

A tripartição antiga fora questionada por Melanchthon, quando lhe acrescentou o género *didascálico*. A novidade rapidamente se difundiu: entre 1520-1540, só em Paris, os manuais de Melanchthon tiveram à volta de vinte edições; Sturm e Latomus propagavam a dialéctica anti-escolástica inspirada em Trebizonda, Agrícola e Me-

rios, fontes, jardins, montes, monstros, tempestades, itinerários, edificios, banquetes, exéquias.

<sup>544</sup> Refira-se, no entanto, que nos tratados menores (*Top.* 24, 91: *deliberandi finis utilitas*), Cícero também preferia a *utilitas* aristotélica, forma simplificada que passou à tradição escolar tardia, por exemplo, em Santo Isidoro (*Etymologiae* 2.4).

<sup>545</sup> «Dialecticum est quod cuiuscumque thematis, aut simplicis aut compositi, naturam demonstrat. Idem et didacticum, et methodicum appellatur, ut cum sermo est de mundo, de deo, de homine, aut cum inquirimus an Prudentia uirtus sit. Haec omnia ad dialecticos locos pertinent, ac ideo inde nomen habent. Hoc genere scripsit Cicero de Officiis», cf. *Rhetorica*, pp. 6-7.

lanchthon; a inovação do género *didáctico* repercutia-se nas retóricas de Latomus, Vaseu e Ringelberg, embora alguns, como António Pinheiro, a reprovassem<sup>546</sup>.

A proposta melanchthoniana é, no entanto, submetida ao fim especificamente didáctico do manual. O desenvolvimento das técnicas tipográficas vinha facultando novos recursos que eram muito usados, sobretudo nos compêndios de lógica; os autores inseriam agora no corpo do texto imagens, diagramas ou esquemas que serviam para estabelecer relações espaciais entre os elementos das estruturas lógicas, facto que mais acentuou, por exemplo, o interesse pela *topica* e pela *ars memoriae*. Já na *Dialectica* Ringelberg aproveitava bem estas facilidades, usando tábuas para indicar os *loci* retóricos e dialécticos; aqui é a esse mesmo método que recorre para concluir esquematicamente a apresentação dos *genera causarum*: 1. demonstratiuum aut epideiktikón/ Dialecticum, Methodicum uel Didacticum (Thematis simplicis, compositi)/ Laudatiuum uel encomiasticum (Personae, factorum, rerum); 2. Deliberatiuum, seu suasorium, cuius partes/ Suasio/ Dissuasio; 3. Iudiciale cuius partes/ Accusatio/ Defensio.

É, pois, um representante desta corrente, neste ponto bem mais afoito que Vaseu, que fica, em 1550, ao dispor dos alunos do Colégio das Artes<sup>547</sup>.

<sup>546</sup> Vd. C. Vasoli, *op. cit.*, pp. 278-309. Sobre a recepção da retórica e da dialéctica dos humanistas do Norte na Paris dos anos trinta, vd. O. Millet, *Calvin et la dynamique de la parole*, Paris, H. Champion, 1992, cap. III, pp. 113-151. A mudança preconizada por Melanchthon encontrámo-la nos seus tratados retóricos e nas suas peças de oratória, sobretudo nas *orationes* de índole biográfica que aproxima da narrativa histórica; o seu objectivo é instruir e exortar à prática do bem, vd. J. Weiss, «Melanchthon and the Heritage of Erasmus: Oratio de Puritate Doctrinae (1536) and Oratio de Erasmo Roterodamo (1557)», *Actes du Colloque International Érasme (Tours, 1986)*, ed. J. Chomarat, Genève, Droz, 1990, pp. 293-306. Num ponto se mantém Ringelberg indiferente às novidades melanchthonianas: ao tratar da *peroratio* (pp. 46 e sqq.) não só valoriza a *indignatio* como não deixa de nela incluir a *uehementia*; a *conclusio* compõe-se de *enumeratio*, *indignatio*, *conquestio uel commiseratio*; a *indignatio* é uma forma de amplificação «per quam grauis in rem offensio aut magnum in hominem odium instigationis auditorum caussa concitatur»; trata portanto *de affectibus* e estes à maneira ciceroniana podem ser mais suaves ou mais violentos («ethos, cum leniter solum permouentur, pathos, cum auditorum animi uehementer concitantur»).

<sup>547</sup> Do mesmo modo, também a retórica sagrada não ignorou a teoria de Melanchthon. O *genus didacticum*, acolhido já em 1543 no *De sacris concionibus recte*



#### 4. A retórica jesuítica

Está muito longe de corresponder à verdade a ideia por vezes ainda repetida de que a adopção oficial do compêndio de Cipriano Soares teria cerceado a reflexão retórica dentro da ordem inaciana. Na verdade, até à supressão da Companhia em 1773, publicaram os seus membros sobre arte oratória mais de cem títulos. E, se é já significativa no século XVI a produção jesuítica de textos retóricos, esta ainda mais abundante se tornou, não só na Itália mas também na França e na Espanha, logo após a versão definitiva da *Ratio studiorum*. O labor de mestres como Pedro Perpilhão, Fulvio Cardulo, Francesco Benci, Marcantonio Natta, Cipriano Soares, Bartolomé Bravo, Giulio Negrone será continuado na geração seguinte por retores da categoria de André Schott, Antonio Possevino, Carlo Reggio, Nicholas Caussin, Louis de Cressoles ou Tarquinio Galluzzi, os padres que com as suas volumosas obras hão-de configurar o ciceronianismo reformado promovido pelo Geral Acquaviva<sup>548</sup>.

Tão vasto corpo de textos extravasa obviamente os objectivos e limites deste trabalho; por isso aqui limitar-nos-emos a observar o estatuto que a *eloquentia* adquiriu nas escolas dirigidas pela Companhia de Jesus e a apreciar o modo como através da própria experiência pedagógica se foi definindo a concepção retórica depois fixada programaticamente na *Ratio studiorum*. Ora, neste processo, como se sabe, seguindo as orientações que distinguem a pedagogia intelectual e espiritual da ordem fundada por Inácio de

---

*formandis* de Alfonso de Zorrilla, reaparecerá nos *Eclesiasticae Rhetoricae libri sex* de Frei Luís de Granada (Lisboa, excudebat Antonius Riberius, 1576). Quando procede à reestruturação dos géneros oratórios, nos seis primeiros capítulos do livro IV, Granada equipara o *genus didascalicum* à tríade clássica distinguindo-o pelo *docere* que visa a *cognitio*, orientada para a *quaestio infinita*, vd. M. López Muñoz, «Fray Luis de Granada y los géneros retóricos», *Humanismo y pervivencia del mundo clásico*, ed. J. M. Maestre Maestre, Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 1993, pp. 591-599, e do mesmo autor, *Fray Luis de Granada y la Retórica*, Almería, Universidad, 2000.

<sup>548</sup> Nessa notável produção retórica, estudada entre outros por M. Fumaroli e Christian Mouchel, avultam os *Tullianarum quaestionum de instauranda Ciceronis imitatione libri IV* de A. Schott (1610), o *Orator christianus* de C. Reggio (1612), os *Eloquentiae sacrae et humanae parallela libri XVI* de N. Caussin (1619), as *Orationes* de T. Galluzzi (1619) e as *Vacationes Autumnales siue de perfecta oratoris actione et pronuntiatione libri III* de L. Cressolles (1620).

Loiola, desempenharam papel de primeiríssimo plano os professores de retórica dos colégios portugueses. Pelas razões aduzidas nos hão-de interessar aqui não tanto os tratados teóricos compostos durante os generalatos dos PP. Mercuriano e Acquaviva, quanto os regulamentos, apostilas e compêndios redigidos e experimentados sob o governo dos três primeiros Gerais da Companhia, Santo Inácio, Diego Laínez e S. Francisco de Borja. Neste ponto, aliás, na natureza dos manuais escolares, começa logo por se distinguir a pedagogia jesuítica: mais do que a *ars* e do que as artes, avultam a *exercitatio* e os compêndios elaborados em função da sua *utilitas* actual e da fidelidade aos antigos.

Se há uma retórica jesuítica é preciso situá-la por um lado no quadro mais geral da instrução exigida aos membros da Companhia, por outro no âmbito da educação humanística oferecida pelas escolas dirigidas pelos jesuítas. Ora, para se compreender o ideal da pedagogia jesuítica e o seu método, importa considerar os factores que contribuíram para a sua definição.

Em primeiro lugar convirá atender à história pessoal do fundador, ao seu percurso espiritual, à sua formação intelectual. Quer dizer, além das fortíssimas experiências religiosas do *peregrino*, que pelo pedregoso caminho do *discernimento* o hão-de levar de Azpeitia a Manresa e da Terra Santa a Montmartre, imprescindível se afigura igualmente a consideração dos encontros e desencontros, dos êxitos e fracassos que Inígo de Loiola viveu nos ambientes escolásticos de Salamanca e Montañu e nos meios abertamente humanísticos de Alcalá e Santa Bárbara. Como fruto maior deste percurso vital e guia definitivo da obra nascente, se apresenta, no livrinho dos *Exercícios Espirituais*, um método de discernimento que da *exercitatio* conduz à *imitatio*, uma via de acesso aos textos bíblicos ordenados para a missão segundo critérios de eficácia, razões que fazem do manual de Santo Inácio «la primerísima fuente de la que derivan todas las demás»<sup>549</sup>. Em segundo lugar, porque a acção do homem se

---

<sup>549</sup> Santo Inácio frequentou ambientes favoráveis ao erasmismo e à *Devotio moderna*; também por isso não é de estranhar que os *Exercícios Espirituais* acusem a influência de obras como a *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia (de que há versão portuguesa de 1495) ou o *Exercitatorio de la vida espiritual* de García de Cisneros, abade de Montserrat e primo do fundador da universidade de Alcalá. Ludolfo aproveitara as possibilidades da leitura silenciosa para propor a contemplação, forma de rezar mais afectiva que reflexiva. Deste mestre tomou Inácio a sequência meditação,

amplifica na instituição, convirá atender à Parte IV das *Constituições* inicianas onde se expõe uma verdadeira teoria educativa. Em terceiro lugar, porque no caso, e é uma das suas novidades, as regras universais resultam de longa experimentação, importará ter em conta as realizações pedagógicas, teóricas e práticas, consubstanciadas nos *ordines studiorum* dos primeiros colégios e na acção dos primeiros pedagogos, por forma a observar como interagem normas gerais e circunstâncias particulares. Será pois neste horizonte que procuraremos entender o magistério dos Padres Pedro Perpinhão e Cipriano Soares, dois dos jesuítas que em Portugal, e em toda a Companhia, mais contribuíram para a configuração do ensino retórico ministrado pela nova ordem religiosa e para uma concepção que sem dúvida se repercutirá na *Ratio studiorum* de 1586 e 1599.

#### 4.1. «Vt spoliis Aegypti»

Santo Inácio entra em Paris no dia 2 de Fevereiro de 1528 disposto a obter a educação formal que os contratemplos vividos em Alcalá e Salamanca lhe tinham mostrado ser indispensável. Sem

---

contemplação e oração, prática da oração mental, promovida por Cisneros. Tratava-se de um modo de oração dirigido pela *mens* e à *mens*, 'memória, inteligência e vontade', comunicação não verbal que conduzia à interiorização afectiva. Às três partes tradicionais, via purgativa, iluminativa, unitiva, acrescentara o tratado de Cisneros uma quarta *semana*, a meditação da vida de Cristo. Nas proximidades do mosteiro de Monserrat viveu quase um ano o *peregrino* de Loiola e aí deve ter tido contacto com uma versão abreviada do livro de Cisneros. A originalidade de Inácio reside no estilo indirecto, no facto de se dirigir ao mestre dos Exercícios, na sobriedade, no respeito pela liberdade do exercitante, na própria estrutura que vinca o método, a progressão espiritual que tem a *eleição* no centro e a união com Deus como fim; embora recorram à tradição, os *Exercícios Espirituais* rompem com o ideal da perfeição monástica, para situar a via unitiva no século, propondo um ideal de contemplação na acção. Por tudo isto é tão importante nos *EE* a ideia de eficácia e o cuidado em evitar, como escreveu o jesuíta Adrien Demoustier, «la privatisation de la relation maître-disciple et son effet immobilisant ou sectaire», princípios que vingarão na prática pedagógica dos colégios e no sistema normativo da *Ratio Studiorum*, vd. A. Demoustier, «L'originalité des Exercices Spirituels», *Les jésuites à l'âge baroque, 1540-1640*, ed. L. Giard, Grenoble, Editions J. Millon, 1996, pp. 23-35, e C. Labrador Herraiz, «Estudio histórico-pedagógico», *El sistema educativo de la Compañía de Jesus. La 'Ratio Studiorum'*, ed. E. Gil, Madrid, UPCO, 1992, pp. 17-58.

recursos, primeiro começa por frequentar as classes de gramática do colégio de Montaigu, escola para rapazes pobres que sob a direcção de Jan Standonck adquirira certa importância, muito por causa do magistério do nominalista John Mair. Todavia nos anos mais recentes, no principalato de Noel Beda, a excessiva severidade e a natureza tradicional do seu ensino deram-lhe má fama sobretudo depois do *Ichthyophagia*, sátira erasmiana aos 'comedores de peixe' (*Colloquia*, 40), e das truculentas objurgatórias de Rabelais (*Gargantua*, cap. 37). Residindo longe do colégio, Inácio de Loiola, homem adulto entre moços, dificilmente poderia progredir numa aprendizagem limitada aos compêndios de Villadei e Despautério<sup>550</sup>. Por isso, sustentado por benfeitores espanhóis da Flandres, a 1 de Outubro de 1529 Inácio muda-se para o colégio de Santa Bárbara, onde se mantém como pensionista até obter a licenciatura em Artes a 13 de Março de 1533. Foi pois no colégio dos bolseiros portugueses dirigido por Gouveia, e este é um pormenor rico de consequências, que Inácio, entre 1529-1535, não só pôde receber a formação humanista de que se imbuíram os nossos António Pinheiro, Diogo de Teive e João da Costa, como também fazer amizade com três dos seus futuros companheiros, Pierre Favre, Francisco Xavier e Simão Rodrigues.

De facto, são estes três estudantes de Santa Bárbara que com Diego Laínez, Alfonso Salmerón e Nicolau Bobadilla constituem o grupo inicial que no dia 15 de Agosto de 1534 sobe com Santo Inácio à capela de Notre Dame na colina de Montmartre para aí, na missa celebrada por Pierre Favre, o único que já era sacerdote, pronunciarem os votos de castidade e pobreza e ainda um terceiro, o de irem em peregrinação à Terra Santa. É pois esta *sodalitas* informal de sete *amigos en el Señor*, tão diversa na proveniência, idade e temperamento dos seus membros, que está na origem da nova ordem religiosa; todos, à excepção de Francisco Xavier, já haviam feito os *Exercícios Espirituais* com Inácio e, não menos importante, todos

---

<sup>550</sup> Não quer dizer que os estudos em Montaigu fossem totalmente imunes às práticas do humanismo; contrariando a visão negativa de Erasmo e Rabelais, nas suas *Progymnasmatum in artem oratoriam centuriae tres* François Dubois (Franciscus Sylvius c. 1483-1536), aluno e mestre de Montaigu que foi também autor de uma *Poetica* (1516), referindo-se à vida no colégio dirigido por Noel Beda chama-lhe *mons musarum acutus*, vd. Ann Moss, *Renaissance Truth and the Latin Language Turn*, Oxford, OUP, 2003, *maxime*, pp. 56-58.

tinham realizado os seus estudos em Santa Bárbara ou Alcalá<sup>551</sup>. Ora, como notou Ronald Modras em livro recente, nem ao singular voto que passou a unir os sete companheiros será estranho o teor humanístico dessa formação intelectual<sup>552</sup>. Decidem reunir-se, assim que acabem os seus cursos, em Veneza para daí se fazerem de vela para a Terra Santa, mas se ao fim de um ano não conseguissem passagem para o destino desejado, mudariam de rumo e apresentar-se-iam em Roma diante do Papa, oferecendo-se para o serviço que fosse maior glória de Deus e salvação das almas. Pode parecer hoje esta resolução um voto um pouco estranho mas não o era para uma *forma mentis* educada na atenção ao *kairos*, nos princípios do *decorum* retórico, na necessidade de adequação às circunstâncias tanto das palavras como das acções<sup>553</sup>. Na altura do primeiro encontro de Montmartre não estava na mente dos sete companheiros a ideia de constituírem uma nova ordem religiosa; de resto tal ideia nem sequer em Novembro de 1538 estaria definida quando cumprindo o voto se oferecem ao Papa para qualquer missão em qualquer parte do mundo; só em Março do ano seguinte começarão a deliberar sobre a fundação de uma nova Ordem. Tende-se modernamente a ver a Companhia de Jesus como a ordem da Contra-Reforma, mas nas origens nada aponta nesse sentido; em 1534 aquele grupo de amigos pretendia ir a Jerusalém, não a Vitemberga ou a Londres e muito menos consideraria a abertura de colégios e universidades como uma das marcas da sua acção futura. Não era essa a intenção inicial de Santo Inácio; a preocupação pedagógica decorreu naturalmente da necessidade e não foi vivida apenas pelo fundador mas por todos os membros da ordem; nessa reflexão, aliás, quem acabou por intervir de forma mais significativa foram os Padres Laínez, Polanco e Nadal. Ainda o Papa não tinha aprovado a nova Ordem e já Laínez pensava na necessidade de criar Colégios para formar

<sup>551</sup> Vd. R. Garcia Mateo, «San Ignacio de Loyola y el humanismo», *Gregorianum* 72 (1991), 261-288, J. O'Malley, *The First Jesuits*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1993.

<sup>552</sup> Vd. R. Modras, *Ignatian Humanism*, Chicago, Loyola Press, 2004, pp. 51-84.

<sup>553</sup> «Ignatius and his companions had learned the rhetorical necessity of accommodating their words to their audience, and their actions to their circumstances. For these university graduates in sixteenth-century Paris, readiness to accommodate to changing circumstances was something they took for granted, even when making a vow», vd. R. Modras, *op. cit.*, p. 54.

novos membros, como reconhecerá em 1555 Santo Inácio ditando ao P. Gonçalves da Câmara que Laínez «fue el primero que tocó este punto».

A sujeição das normas a um tempo de prova antes de lhes dar forma oficial, a validação pelo *usus*, a abstracção de princípios a partir da experiência distinguem o modo de actuação da Companhia. Assim sucede na elaboração das Constituições. A 3 Setembro de 1539, quando Paulo III aprova oralmente a Companhia, há já um esboço de normas gerais, mas a *Fórmula do Instituto* só seria oficialmente ratificada a 27 Setembro de 1540 com a publicação da Bula *Regimini militantis Ecclesiae* pelo mesmo Papa. No entanto, as Constituições que começaram a ser elaboradas em Março de 1541 só têm sua primeira redacção, por Santo Inácio, em Julho de 1550 e o texto definitivo apenas virá a ser aprovado em 1558, após quase duas décadas de experiência<sup>554</sup>. Uma ordem moderna cujo carisma não se distingue por nenhuma missão específica, seja a pregação, o ensino, o combate à heresia ou um modo particular de viver as virtudes cristãs, que prescindir das práticas tradicionais das ordens antigas, do coro e do ofício comunitário, uma ordem nova que estabeleceu como seu fim o serviço da Igreja no que for mais urgente, mais necessário e mais universal, forçosamente estará marcada por uma permanente busca de formas adequadas e concretas de actuação<sup>555</sup>. A novidade, e em grande medida a razão do extraordinário sucesso da Companhia de Jesus no século XVI, residirá precisamente nessa

<sup>554</sup> Vd. Monumenta Ignatiana. Constitutiones et Regulae Societatis Iesu, vol. I: Monumenta Constitutionum praeuia, Roma, 1934; vol. II: Constitutiones Societatis Iesu. Textus hispanus, Roma, 1936; vol. III: Constitutiones Societatis Iesu. Textus latinus, Roma, 1938. L. Giard considera que as *Constituições* merecem ser colocadas entre os grandes textos quincentistas de reflexão política, vd. L. Giard, «Relire les Constitutions», *Les jésuites à l'âge baroque, 1540-1640*, ed. L. Giard, Grenoble, J. Millon, 1996, pp. 37-59.

<sup>555</sup> A relação de Santo Inácio com o erasmismo e a sua atitude perante a obra de Erasmo terá sido mais complexa do que o relato de Ribadeneira sugere. Alguma hesitação houve pelo menos no período complutense da formação do futuro fundador; por isso, à natureza da nova ordem talvez não tenha sido alheia a influência do ambiente erasmista de Alcalá; apesar das diferenças, como notou Bataillon resumindo dados relevados pelo P. Watrigant, o *Enchiridion* e os *Exercícios* não discordam num ponto: «monachatus non est pietas», vd. M. Bataillon, «D'Érasme à la Compagnie de Jésus», *Érasme et l'Espagne*, Genève, Droz, 1991, vol. III, pp. 279-304.



combinação que procura fazer entre segurança doutrinal, clareza de critérios e uma dinâmica de contínua adaptação. Por isso não deve a Parte IV das Constituições ser entendida como código completo e impositivo, mas antes como conjunto de directrizes a realizar diferentemente conforme as diferentes circunstâncias<sup>556</sup>. Donde a insistência no princípio retórico do *apte dicere* sujeito à *prudencia*, variedade na acção que decorre da necessidade de ajustamento às condições particulares e ao fim pretendido:

- «en las tales facultades estudiarán los que se imbian a los collegios, insiendiendo con más diligencia en la parte que para el fin dicho más conviene, attentas las circunstancias de tiempos y lugares y personas etc., según en el S. N. parezca convenir a quien el cargo principal tuviere» (cf. *Const.* 4.5.1)<sup>557</sup>;
- «y porque en los particulares ha de aver mucha variedad según las circunstancias de lugares y personas, no se descenderá aquí más a lo particular» (cf. *Const.* 4.7.2)<sup>558</sup>;
- «y aunque según las regiones y tiempos pueda aver variedad en el orden y horas que se gastan en estos studios, aya conformidad en que se haga en cada parte lo que allí se huzgare que más conviene para más aprovechar en las letras» (cf. *Const.* 4.13.2)<sup>559</sup>;
- Na eleição de autores, escolher-se-ão «los que más convienen para nuestro fin», na selecção das obras a ler, aquelas que «parezcan más acomodadas a estos tiempos nuestros» (cf. *Const.* 4.14.1)<sup>560</sup>.

Torna-se de facto um traço distintivo dos jesuítas, ou não fosse tão importante já nos *Exercícios Espirituais*, esse cuidado em adap-

<sup>556</sup> A título ilustrativo veja-se por exemplo *Const.* 4.15.1: «bono ingenio prae-ditis, qui studia inchoant, uideatur an medius annus in quavis quattuor classium inferiorum sufficiat, et duo in suprema; quod tempus rhetoricae et linguarum studiis impendatur; certa tamen regula praescribi non potest» (cf. *Mon. Paed.*, t. 1, p. 301).

<sup>557</sup> Vd. *Mon. Paed.*, t. 1, pp. 214-217.

<sup>558</sup> Vd. *ibidem*, pp. 264-267. O texto latino reza assim: «Et, quia in particularibus multum uarietatis esse oportebit pro uarietate locorum et personarum, singula persequi non est huius loci.»

<sup>559</sup> Vd. *ibidem*, pp. 284-285.

<sup>560</sup> Vd. *ibidem*, pp. 294-297.

tar a palavra e a acção ao momento, às pessoas e circunstâncias, *noster modus procedendi, nuestro modo de proceder*. Por isso pôde escrever John O'Malley, um *scholar* jesuíta que tão bem conhece o humanismo romano e a retórica renascentista: «The rhetorical dimension of Jesuit ministry in this sense transcended the preaching and lecturing in which they were engaged and even the rhetorical foundations of the casuistry they practiced — it was a basic principle in all their ministries, even if they did not explicitly identify it as rhetorical. The *Constitutions* identified it as a hallmark of 'our way of proceeding'»<sup>561</sup>.

Procura-se assim hierarquizar a formação religiosa, moral e intelectual integrando a virtude e as letras, a vida e o saber, numa síntese entre teoria e prática que busca o conhecimento unitivo da razão e da fé; valoriza-se a eficácia do ensino, a *exercitatio*, o *usus*, que obrigam a uma disposição graduada das dificuldades, a uma rigorosa ordem na sequência dos estudos<sup>562</sup>. Trata-se portanto de uma pedagogia extremamente selectiva, em certo sentido utilitarista, que aceita as humanidades greco-latinas tanto concorram para a formação cristã: «in libris ethnicis litterarum humaniorum nihil, quod honestati repugnet, praelegatur. Reliquis, ut spoliis Aegypti, Societas uti poterit.» É de notar, no entanto, que o mesmo sentido de eficácia se aplica aos autores cristãos: «Christianorum opera, quamuis bona essent, si tamen malus fuerit autor, legenda non sunt; ne ad auctorem aliqui afficiantur.»<sup>563</sup> A ortodoxia humanista, correlativa da ortodoxia doutrinal, patente na fidelidade aos clássicos decorre portanto antes de mais do reconhecimento das vantagens imediatas dessas escolhas, da sua pertinência e actualidade. Em suma, nesta pedagogia importam a *eleição* dos meios ajustados aos fins pretendidos, o método, a redução ao essencial, *non multa sed multum*, a repetição, *exercitatio plurima* centrada no discurso escrito e oral, a emulação permanente, a interacção constante entre mestre e discípulo que corrige defeitos e aperfeiçoa virtudes<sup>564</sup>.

<sup>561</sup> Vd. J. O'Malley, *op. cit.*, p. 255.

<sup>562</sup> «In disciplinis ordo seruandus est ut prius in lingua latina solidum iaciant fundamentum quam artium liberalium; et in iis, antequam theologiae scholasticae; et quidem in hac, antequam positivae studiis se dedant», cf. *ibidem*, p. 233.

<sup>563</sup> Vd. *ibidem*, pp. 222-223.

<sup>564</sup> Vd. *Const.* 4.6.10-14.

Começa a reconhecer-se a necessidade de fundar colégios entre 1541-1544 no *De Collegiis et Domibus fundandis* que alguns vêem como documento seminal da Parte IV das Constituições. Aqui ficaram exarados os princípios, mas a sucessiva abertura de colégios um pouco por toda a parte, bem assim a admissão de alunos seculares vieram tornar premente a necessidade de um *ordo studiorum*, de uma *ratio* mais extensa e precisa. A resposta resultará de um longo processo de experimentação que durará cinquenta anos.

Em Outubro de 1548 funda o P. Nadal o Colégio de Messina; entre os nove jesuítas que o acompanham destacam-se Hannibal du Coudret, André des Freux, Benedetto Palmio e sobretudo Pedro Canísio, que tem a seu cargo o ensino da retórica. Em Dezembro, numa carta a Santo Inácio, Nadal indica o número de alunos: 78 na terceira classe de gramática, 56 na segunda, 40 na primeira, 14 na classe de humanidades, 16 na de retórica, 10 na de grego, 214 estudantes no total<sup>565</sup>. No colégio de Messina S. Pedro Canísio manteve-se apenas durante esse primeiro ano lectivo pois logo foi chamado para Roma, mas numa epístola ao P. Kessel indica os autores estudados nas classes mais elevadas: ele explicava nas aulas de retórica o *De amicitia* de Cícero e a *Institutio* de Quintiliano, além de textos dos historiadores Tito Lívio e Suetónio; na classe de humanidades Coudret ensinava as *Tusculanae* de Cícero, a *Arte Poética* de Horácio e o *De copia uerborum et rerum* erasmiano<sup>566</sup>. Queixam-se os mestres da proibição dos manuais de Erasmo e S. Pedro Canísio em carta a Diego Laínez afirma mesmo reçar que, por via disso, tenham os jesuítas de fechar os colégios<sup>567</sup>. O sucesso, porém, foi tal que no ano seguinte outras cidades sicilianas solicitaram à Companhia a abertura de novas escolas; assim, logo a 26 de Novembro de 1549, abre o colégio de Palermo, cabendo ao mestre de retórica o discurso inaugural, uma *laus* da Sicília e do seu vice-rei que foi muito apreciada; dez anos mais tarde aqui encontraremos o português Tomé Correia como professor de retórica.

Os traços mais característicos do ensino jesuítico ficam vinçados, o *modus parisiensis*: a sequência graduada de pelo menos cinco classes que culminava na classe de retórica, a exercitação diária, as repetições semanais, as composições escritas, as disputas e exhibições

<sup>565</sup> Vd. *Litterae Quadrimestres* I, 128, MHSJ, *Chron.* 1.371-372.

<sup>566</sup> Vd. MHSJ, *Chron.* 1.248-285.

<sup>567</sup> Vd. J. Brodrick, *Saint Pierre Canisius*, Paris, Ed. Spes, 1956, t. II, p. 61.

públicas, as *concertationes* e *declamationes* uma ou duas vezes no ano, o ensino gratuito<sup>568</sup>. A *Ratio* que o P. Nadal redigiu para a nova fundação torna-se texto importantíssimo para fixar o perfil das escolas da Companhia. Adoptando o *modus parisiensis*, neste *Ordo Studiorum* estabelece-se uma íntima ligação e hierarquia entre a formação religiosa, moral e académica; distinguindo-se as normas que se destinam aos estudantes jesuítas das orientações dirigidas aos alunos externos, apresenta-se não como um mero regulamento disciplinar mas antes como um projecto pedagógico que distribui os alunos em cinco classes, três de gramática, uma de humanidades e outra de retórica, que por sua vez se podem subdividir em vários graus<sup>569</sup>. Fixa-se assim um modelo que o próprio P. Nadal difundirá, por encargo de Santo Inácio e do seu sucessor Diego Laínez, nas visitações que fez a todas as casas e colégios da Companhia, deixando directrizes que se encontram coligidas nos *Monumenta Paedagogica*<sup>570</sup>. A acção do P. Nadal foi ainda mais importante no período seguinte, quando a partir de 1556 passou a dirigir o *Collegio Romano* fundado cinco anos antes. Na década de sessenta sob a orientação do P. Diego de Ledesma, prefeito dos estudos, os mestres do Colégio desenvolvem intensa actividade na produção de textos normativos; o próprio Ledesma que, como Nadal, tinha estudado em Alcalá e Paris, redige um *De ratione et ordine studiorum Collegii Romani*, por fim é Jerónimo Nadal, auxiliado por Pedro Perpinhão, quem compõe em 1565 um conjunto de regras para o ensino das humanidades a aplicar em toda a Companhia. Por isso

<sup>568</sup> Uma boa síntese da pedagogia retórica nos colégios da Companhia encontra-se já na dissertação de Edward J. Lynch, jesuíta que foi porta-voz do Concílio Vaticano II para a rádio e televisão, vd. *The Origin and Development of Rhetoric in the Plan of Studies of 1599 of the Society of Jesus*, Northwestern University, Ph.d. diss., 1968.

<sup>569</sup> Vd. G. Codina Mir, *op. cit.*, A. Levi, «Erasmus, the Early Jesuits, and the Classics», *Classical Influences on European Culture (1500-1700)*, ed. R. Bolgar, Cambridge, CUP, 1976, pp. 223-238, F. Dainville, *op. cit.*, G. Demerson (ed.), *Les Jésuites parmi les hommes*, Clermont-Ferrand, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1987, pp. 9-19, 257-264, 375-394, A. Demoustier, «Les "Constitutions" du Collège de Messine et les premiers choix pédagogiques de la Compagnie de Jésus», *Cahiers de Fontenay* 49-50 (1988), 11-25, J. Ferreira Gomes, «O *modus parisiensis* como matriz da pedagogia dos Jesuítas», *Revista Portuguesa de Filosofia* 50 (1994), 179-196.

<sup>570</sup> Vd. *Mon. Paed.*, vol. I, pp. 133-163, 185-210, 325-351.

fala Lukács, e com razão, de uma *Ratio Studiorum borgiana*; é que, com ligeiras modificações, em 1569 essas regras foram estendidas a todas as províncias por S. Francisco de Borja, o terceiro Geral da Companhia que desempenhou o cargo entre 1565-1572. A parte mais alterada foi a *De studiis humaniorum litterarum* reelaborada por Ledesma e Gian Pietro Maffei, que sucedera a Pedro Perpilhão como mestre de retórica no Collegio Romano. Havia, portanto, desde 1570, um *modus* de ensino das Humanidades, comum a todas as províncias. O mesmo não se podia dizer da formação teológica. Será o quinto Geral, o P. Claudio Acquaviva, quem a partir de 1581 impulsionará a elaboração de uma *Ratio Studiorum* para toda a Companhia; a própria Congregação Geral que elegeu o sucessor do P. Mercuriano ordena a codificação dos estudos num sistema único e universal. Acquaviva designa um grupo de doze jesuítas *ad efficiendam formulam studiorum*. Os resultados não foram os esperados; no entanto, apesar da resistência dos professores do Collegio Romano, e entre eles avultava o P. Alfonso Salmerón, o único sobrevivente da geração fundadora, no início de 1583 o Padre Geral nomeia nova comissão. Do grupo de 1582 fizeram parte os portugueses Pedro da Fonseca e Sebastião Morais, para a segunda comissão foi convocado Gaspar Gonçalves, até então professor de Escritura em Évora<sup>571</sup>. Em 1584 ficam prontos dois tratados, o

<sup>571</sup> Em 1585 foi este jesuíta português quem pronunciou perante o papa Gregório XIII o discurso obediencial na entrada dos embaixadores japoneses que compunham a missão que é objecto do *Diálogo* de Duarte de Sande, vd. *Oratio nomine Legatorum Iaponiorum habita Romae*, Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585 (Bibl. Angelica - Roma, Misc. D.5.2.4). Faz parte dos ACTA CONSISTORII/ PVBLICE EXHIBITI/ A S. D. N. GREGORIO PAPA XIII./ REGVM IAPONIORVM LEGATIS/ ROMAE, DIE XXIII, MARTII./ M.D.LXXXV./ EX AVCTORITATE SVPERIORVM./ ROMAE./ Apud Franciscum Zanettum./ M.D.LXXXV./, volume que contém: 1. Acta Consistorii legatis Iaponis publice exhibiti. 2. Litterarum exemplarum regum Iaponiorum, ad Gregorium XIII Pont. Max. Francisci regis Bungii, etc. [...] 3. Protasii regis Arimanorum 4. Barptolemaei principis Omuranorum. 5. Recitatis litteris, et silentio indicto, ipsorum legatorum, et Regum nomine sequens oratio est habita à Gaspare Consaluo Lusitano, presbytero Societatis Iesu. Oratio habita in Legatorum Iaponiorum introitu. 6. Ad hanc orationem Antonio Buccapadulio, Summi Pontificis nomine, in haec uerba responsum est. A Américo da Costa Ramalho se deve não só a recente tradução portuguesa do *De missione legatorum Iaponensium*, como a cabal demonstração de que esse extraordinário livro de viagens foi composto pelo jesuíta português Duarte de Sande, vd. *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Cúria Romana*, Macau, Fundação Oriente,

*De delectu opinionum* e a *Praxis et ratio studiorum*, textos que definem o escopo da *Ratio* de 1586. Esta versão devia ser sujeita à crítica de comissões provinciais para que o seu resultado viesse a originar a versão definitiva. À excepção de Castela, onde a Inquisição reclamou para si a análise dos exemplares, dezanove províncias enviaram os seus pareceres<sup>572</sup>. Dessa consulta saiu nova versão, a de 1591, que é submetida a novo exame das províncias da Companhia; finalmente, depois de tantas vicissitudes, o processo iniciado catorze anos antes conclui-se quando a V Congregação Geral aprova o texto revisto por S. Roberto Belarmino, menos detalhado e menos taxativo, a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* que o P. Acquaviva promulga em Roma a 8 de Janeiro de 1599; com uma ligeira modificação feita em 1616, é esta norma que há-de reger a vida dos colégios até 1773<sup>573</sup>.

Fiel ao sentir e pensar do fundador, a *Ratio* de 1599 estabelece em trinta capítulos os objectivos, conteúdos e métodos do ensino humanístico, filosófico e teológico, indicando funções, competências

1997, e A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*, Lisboa, INCM, 1998, pp. 209-276.

<sup>572</sup> Na *Ratio Studiorum* os inquisidores espanhóis encontraram não poucos motivos de reparo: «da siempre a entender que no se puede declarar la Sagrada Escritura, ni responder bien a los herejes, sin saber el hebreo y el griego; lo cual es decir que hay necesidad de recurrir a los originales [...] y es decir que no tiene la Iglesia Romana en su lengua, escritura auténtica y cierta [...] por lo cual este libro *De Ratione Studiorum* es el más insolente y desatinado que entre católicos se ha visto», vd. Antonio Astrain, *Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España*, Madrid, Razón y Fe, 1909, vol. III, p. 388.

<sup>573</sup> Vd. RATIO ATQ/ INSTITVTIO/ STVDIORVM/ SOCIETATIS/ IESV./ SVPERIORVM PERMISSV./ NEAPOLI./ In Collegio eiusdem Societatis./ Ex typographia TARQVINII LONGI./ M.D.XCVIII./ Sobre o papel do Colégio Romano na evolução dos estudos retóricos, da prática oratória e no processo que conduziu à *Ratio Studiorum*, vd. R. Villoslada, *Storia del Collegio Romano*, Roma, apud aedes Universitatis Gregorianae, 1954, caps. IV-V, F. McGinness, *Rhetoric and Counter-Reformation Rome: Sacred Oratory and the Construction of the Catholic World View, 1563-1621*, Berkeley, University of California, Ph.D. diss., 1982, M. Fois, *art. cit.*, C. Labrador Herraiz, *op. cit.*, D. Julia, «Généalogie de la *Ratio Studiorum*», *Les jésuites à l'âge baroque, 1540-1640*, ed. L. Giard, Grenoble, Editions J. Millon, 1996, pp. 115-130. Depois da edição crítica de L. Lukács (*Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*, vol. V, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1986), nos últimos anos muitas edições e traduções da *Ratio Studiorum* têm vindo a lume: G. Rafo (Roma-Milano, Civiltà Cattolica — S. Fedele, 1989), E. Gil (Madrid, UPCO, 1992), L. Albrieux (Paris, Belin, 1997), A. Bianchi (Milano, Rizzoli, 2002).



e tarefas das autoridades escolares e dos professores de cada classe e de cada disciplina, dando orientações precisas para mestres e alunos, normas minuciosas sobre exames e prémios, regras para alunos internos e externos, fórmulas para as diferentes *academias*. Ora, para se compreender a importância dos estudos retóricos na *Ratio*, não basta considerar as prescrições relativas ao professor de retórica ou ao ensino da disciplina: a aquisição da *eloquentia* não deixa de constituir, ainda que assessoradamente, um dos fins a alcançar em todos os graus dos estudos menores e maiores.

Como nos *Exercitios Espirituais*, a pedagogia da *Ratio* divide-se basicamente em três momentos: *praelectio*, *exercitatio* e *repetitio*. A estrutura da *praelectio* gramatical e retórica é rigorosamente definida e dela se excluem os autores modernos<sup>574</sup>. Primeiramente lê-se todo o texto, expõe-se brevemente o seu argumento e situa-se no contexto a que pertence, depois analisa-se o texto período a período e esclarecem-se os pontos mais obscuros, procurando manter a ordem das palavras, mesmo que se recorra ao vernáculo, por forma a que o ouvido se acostume ao ritmo latino; por fim, voltando ao início, deve o mestre percorrer todo o texto e fazer observações adequadas a cada classe; o exercício de composição não deve ser ditado abruptamente mas de forma descritiva para facilitar a imitação de Cícero<sup>575</sup>.

Na classe elementar de gramática a primeira hora da manhã devia ser consagrada à recitação de trechos ciceronianos e, além do esclarecimento da morfologia e da sintaxe e da tradução dos textos, na sua prelecção ao mestre competia também explicar as metáforas *exemplis rerum notissimarum*<sup>576</sup>. A memorização de passos escolhidos

de Cícero reaparece nas regras da quarta classe; para esta fase intermédia da aprendizagem gramatical recomendam-se apenas as cartas de Cícero *Ad familiares* e os poemas mais acessíveis de Ovídio<sup>577</sup>. Mas, de acordo com o princípio da gradação de dificuldades, o *corpus* alarga-se nas *Regulae professoris supremae classis grammaticae*: no primeiro semestre da terceira classe ler-se-ão as cartas de Cícero, as *Epistolae ad familiares*, mas também textos das colectâneas *Ad Atticum* e *Ad Quintum*; no segundo semestre avançar-se-á para os tratados filosóficos, quer dizer, para aquele conjunto que gozou de tanta estima entre os humanistas, o *De amicitia*, o *De senectute* e os *Paradoxa*<sup>578</sup>. A este nível do ensino gramatical, sobretudo nos exercícios e nas repetições, manifesta-se já a orientação retórica que percorre todo o ciclo dos estudos menores; vários mestres jesuitas não-de compor manuais de *praeexercitamenta*, aspecto naturalmente descurado pelo P. Cipriano Soares; os *Progymnasmata* do P. Pontano foram certamente os que alcançaram maior difusão nos colégios portugueses, sobretudo depois da sua edição olisiponense de 1597<sup>579</sup>.

ad uerbum uulgarí sermone interpretatur. Tertio, a capite recurrens structuram indicet, et periodum retexens, quae uerba, quos casus regant, ostendat; pleraque ad explicatas grammaticae leges perpendat, latinae linguae obseruationem unam aut alteram, sed quam facillimam, afferat; metaphoras exemplis rerum notissimarum demonstret; nec quicumque, nisi forte argumentum, dictet. Quarto, scriptoris iterum uerba uulgi sermone decurrat.»

<sup>577</sup> Vd. *Ratio* XIX. O uso das cartas de Cícero há muito que estava consagrado nos colégios da Companhia; em Portugal testemunha-o a edição promovida pelos jesuitas dos *Epistolarum Selectarum/ Ciceronis, Libri. 3./ Quae ob perspicuitatim sententiarum/ et rerum uarietatem, et literarijs, ludis/ congestae sunt, et distinctae/ Excudebat Marcus/ borgius/ Cum licentia, Imprae se sunt./ Vlisiponae M.D.LXVI./ (BNL, 1753 P)*. À selecção das cartas que compõem estes três livros presidiu o critério da gradação de dificuldades e da extensão das epístolas a fim de favorecer a rápida aquisição da  *copia* e da *perspicuitas*. A finalidade utilitária, meramente escolar, desta edição é evidente ainda na ausência de qualquer texto proemial; além dos textos ciceronianos apenas figura a licença inquisitorial no colofon: «Poterit mandare typis, 6. 5. Frey Manoel da veiga.»

<sup>578</sup> Vd. *Ratio* XVIII. Como vimos já, a propósito das traduções de Duarte de Resende e de Damião de Góis, há aqui um veio a explorar que permite supor uma linha de continuidade na leitura de Cícero que ultrapassa os limites do humanismo quinhentista.

<sup>579</sup> Vd. Jacopo Pontano (Jakob Spanmüller S.I.), *PROGYMNASMATVM/ LATINITATIS, SIVE DIA-/ LOGORVM SELEC-/ TORVM./ LIBRI DVO./ Ad usum primae & secundae/ scholae grammaticae, Lisboa, ex officina Alexandri de Siqueyra, 1597 (BPE, Século XVI, 53), versão abreviada da edição de Ingolstadt*

<sup>574</sup> Vd. *Ratio* XV.27-32. «In praelectionibus ueteres solum auctores, nullo modo recentiores explicentur» (XV.27). No trabalho do *grammaticus* Quintiliano distinguira a *praelectio* da *enarratio poetarum*, a leitura prévia, a introdução, do comentário, da explicação mais pormenorizada (*Institutio* 1.8.13); ao mestre compete a *praelectio*, ao aluno a *lectio* e a *recitatio*; João de Salisbúria retomou esta concepção (*Metalogicon* 1.24) e assim ela chegou às escolas do Renascimento.

<sup>575</sup> Vd. *Ratio* XV. 30: «Scribendi argumentum non dictandum ex tempore, sed mediato et fere descripto, quod ad imitationem Ciceronis, quantum fieri potest, et ad normam cuiusdam narrationis, suasionis, gratulationis, admonitionis, aliarumque id genus rerum dirigatur.»

<sup>576</sup> Vd. *Regulae professoris infimae classis grammaticae (Ratio, XX)*, maxime a norma da *Praelectio Ciceronis* (XX. 6): «Primo, totam continenter pronunciet, eiusque argumentum breuissime uulgi sermone perstringat. Secundo, periodum

Que todo o escopo desta aprendizagem residia no aperfeiçoamento da eloquência comprovam-no ainda mais as disposições que respeitam ao professor de humanidades. A primeira regra desta classe é assaz esclarecedora: «Gradus huius scholae est, postquam ex grammaticis excesserint, praeparare ueluti solum eloquentiae; quod tripliciter accidit; cognitione linguae, aliqua eruditione, et breui informatione praeceptorum ad rhetoricam spectantium.»<sup>580</sup> Por *cognitio linguae* entende-se a *proprietas* e a *copia*, *uirtutes* tão caras aos ciceronianos; na verdade o cânone de autores não pode ser mais claro, dos oradores tomar-se-á apenas um modelo, Cícero, dos historiadores ler-se-ão César, Salústio, Lívio e Quinto Cúrcio, dos poetas sobretudo Virgílio, com exclusão das *Éclogas* e do canto IV da *Eneida*, embora também se admitam os poemas de Horácio desde que *ab omni obscaenitate expurgati*. Não se poderá negar, portanto, por esta e por muitas outras razões, quanto a *Ratio* depende da tradição pedagógica do humanismo: é flagrante neste particular a sua proximidade dos cânones propostos por Erasmo (*De ratione studii*) e por Luís Vives (*De tradendis disciplinis*)<sup>581</sup>.

(1588-1594). Outro mestre jesuíta que muito se destacou nesta área da pedagogia do latim e da eloquência foi o espanhol Bartolomé Bravo (c. 1554-1606); além dos *De arte oratoria ac de eiusdem exercendae ratione tullianaque imitatione libri v* (Medina del Campo, 1596), do *Liber de octo partium orationis constructione* (Medina del Campo, 1600), tratado sintático que teve enorme fortuna, e do *Thesaurus verborum ac phrasium* (Pamplona, 1590), compêndio da obra de Mario Nizolio também muito difundido, compôs um *De conscribendis epistolis* em que incluiu os *Progymnasmata sive proexercitationes Oratoriae*, Pamplona, apud Thomam Porralem, 1589 (BNM, R/29241), vd. M. Fumaroli, «Une pédagogie de la parole: les *Progymnasmata latinitatis* de P. Pontanus», *Acta Conventus Neo-Latini Amstelodamensis*, München, 1979, pp. 410-425, e R. Ponce de León Romeo, «El *Liber de octo partium orationis constructione* (Medina del Campo, 1600) de Bartolomé Bravo, S. I., y sus comentadores durante los siglos XVII y XVIII», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, 20 (2003), 569-606.

<sup>580</sup> Vd. *Ratio* XVII. 1.

<sup>581</sup> Na verdade em muitos aspectos a *Ratio* não anda muito longe dos planos de estudos que prescreveram Calvino para a Academia de Genebra, Melanchthon para a escola de Eisleben ou Johann Sturm para o ginásio de Estrasburgo. Que há boas razões para aproximar o que pareceria distante, reconheceu-o o sábio editor dos *Monumenta Paedagogica* ao inserir nos apêndices do t. I o *De ratione studiorum Gymnasii Hieronymitani Leodii*, ou seja, o juízo que o mestre de Estrasburgo fez sobre o plano de estudos do Colégio de S. Jerónimo em Liège; os preceitos relativos à disciplina, repetições e prémios não são muito diferentes dos que vieram a ser



Fig. 40 — Edição erasmiana de Terêncio (BNL, Res. 2310 A)

Relativamente aos autores escolhidos pelo roterdamês só há uma divergência notória: enquanto Erasmo muito estimava Terêncio como modelo de conversação latina, a *Ratio* de 1599 não só desaconselha o Africano, como o refere enquanto exemplo de autor que não é passível de ser expurgado, logo o melhor é que não se leia. É de notar, porém, que esta severidade só ocorre na versão definitiva, pois na *Ratio* de 1586 Terêncio ainda era admitido nas *praelectiones* a par de Virgílio e Horácio desde que *purgati*<sup>582</sup>.

aplicados pelos jesuítas; os fundadores da Companhia partilhavam certamente a substância das opiniões de Sturm pois afinal todos eles viveram no ambiente de Santa Bárbara, vd. *Mon. Paed.*, ed. L. Lukács, t. 1, pp. 632-636.

<sup>582</sup> Vd. *Ratio* (1586) V. 4: «Autores autem ad usum linguae latinae pueris proponendi praecipue sunt [...] ex poetis Virgilius, Terentius, Horatiusque purgati; *Ratio* (1599) II.34: «[...] uel si omnino purgari non poterunt, quemadmodum Terentius, potius non legantur, ne rerum qualitas animorum puritatem offendat». Terêncio foi de facto motivo de surda polémica: vários mestres da Companhia tentaram preservar o seu estudo, contra a vontade repetidamente expressa por Santo Inácio. Em 1553 o P. Polanco, dirigindo-se ao P. Hannibal du Coudret, matiza as proibições do fundador, dizendo-lhe qual a prática romana e qual a

O segundo semestre da *classis humanitatis* deve dedicar-se já aos preceitos básicos da retórica, a estudar no compêndio de Cipriano Soares, bem assim à sua aplicação nas *orationes* ciceronianas mais acessíveis, isto é, naqueles mesmos discursos que Melanchthon comentara, *Pro lege Manilia*, *Pro Archia* e *Pro Marcello*<sup>583</sup>. O processo de aquisição da *eloquentia* culmina na classe de retórica, mas não acaba nesse momento. Por isso se exige que os professores de Escritura sejam tanto quanto possível «in eloquentia bene uersati» e que os escolásticos da Companhia não passem à filosofia «ante [...] quam biennium in rhetorica consumpserint», mas se revelarem especial aptidão para a arte oratória, considere-se a possibilidade de nela gastarem mais um ano «ut solidius fundamentum iaciant,

---

margem de manobra do colégio de Palermo: «È vero che N. P. non vole si legano opere d'Erasmus, né Vives, né Terentio, né authore alcuno disonesto. Ma due cose dirò per levare il scropolo. Uno, che non si osserva fuora di Roma insino adesso strettamente questa regola, massime essendo cominciati questi libri; l'altra è, che si procura qu in Roma acconciare detti authori in questo modo: de Martiale et Horatio et simili, si leva quello che è disonesto, et si lassa il resto col suo nome, etc. Il libello d'otto partibus s' stampa sanza nominar Erasmo, perché non l'ha composto lui. Si fa etiam una copia più breve in versi, dove si contiene il buono di Erasmo, et sic de aliis. [...] Insin' alhora non è malo il modo che tenete, et puotete andar inanzi con quello», vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 438-439. Em 1557 na *Ordo Classis Rhetorices in Collegio Romano* o P. Fulvio Cardulo dá a primazia, à maneira erasmiana, ao estudo de Terêncio desde que expurgado, «Capessentibus eloquendi facultatem consultum censeo ut Terentium [...] in promptu habeant; nisi quod ex eo authore obsceniora quaeque ante obliteranda essent»; outro admirador de Erasmo, André des Freux, autor do *De utraque copia* (Roma, 1556), segundo conta Ribadeneira, «emendó a Terentio, purgándole de loque podia offender [...] pero a nuestro Padre le pareció que en ninguna manera se leyese». Que o fundador se opunha à leitura de Terêncio, di-lo em 1553 o P. Polanco na carta a Hannibal du Coudret, repete-o no *Chron.* 1551, «at P. Ignatio haec ratio purgandi [do P. André des Freux] [...] et demum ne Terentius legeretur, hanc ipsam ob causam, in nostris scholis prohibuit» (*Mon. Paed.*, I, p. 529) e proclamam-no as *Constituições* (IV, 14 D) já na fórmula que a *Ratio* definitiva adoptará, vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 438-439, II, pp. 424-426.

<sup>583</sup> Vd. *Ratio* XVII. Os exercícios recomendados são pois de índole retórica: reconhecimento de figuras e tropos, estudo do ritmo oratório, análise ou composição de progymnasmata, sobretudo de *chriae* e *narrationes* (XVII.2 e 6); assim se obterá a *elegantia* por via da *copia* e da *uariatio* (XVII.3). Como sempre privilegia-se a eficácia da exercitação à exposição minuciosa dos preceitos (XVII.8: «Ars metrica celeriter recurretur, in iis solum inhaerendo, quibus magis egere uidebuntur, et exercendo potius, quam explicando»).

uidendum erit, an operae pretium sit triennium impendere»<sup>584</sup>. O relevo concedido à retórica vê-se ainda nas regras relativas às demonstrações públicas de eloquência e à atribuição dos prémios das *concertationes*<sup>585</sup>.

No entanto, como é óbvio, muito mais nos interessam as *Regulae Professoris Rhetoricae*, embora se sinta alguma indeterminação quanto ao âmbito desta classe, pelas razões que aduzimos<sup>586</sup>. Logo na primeira regra tal se manifesta quando se prefere uma designação mais ampla, *eloquentia*, para nela abarcar tanto a oratória como a poética: «ad perfectam enim eloquentiam informat, quae duae facultates maximas, oratoriam et poeticam comprehendit (ex his autem duabus primae semper partes oratoriae tribuantur), nec utilitati solum seruit, sed etiam ornatui indulget» (XVI. 1). Nesta perspectiva se situava, como adiante se verá, o *De eloquentia* de Tomé Correia. Constituem o objecto de estudo nesta classe os *praecepta*, o *stilus* e a *eruditio*. Os preceitos, nas *praelectiones*, haverá que buscá-los

---

<sup>584</sup> Vd. *Ratio* I. 5 e 18.

<sup>585</sup> Vd. *Ratio* II. 15-16, XIV. 1-9; estipulam-se oito prémios para a retórica, o critério de decisão deve ser a *orationis forma*, só depois se atenderá à extensão das composições, preferindo-se os abundantes aos parcimoniosos, primeiro critério, portanto, a *elegantia*, segundo a *copia*. Sobre o espírito de permanente *certamen* e de contínua avaliação vd. F. Lebrun, «Un aspect de la pédagogie jésuite: controle des connaissances et examens d'après la *Ratio Studiorum*», *Les jésuites parmi les hommes*, pp. 385-394. Se as *concertationes* oratórias e a celebração epidictica marcam os fastos de todas as escolas da Companhia (muitos manuscritos da BNL, da BGUC e da BPE o comprovam), especial relevância pública adquiriram no Colégio Romano devido à alta categoria dos seus visitantes; no fundo jesuítico da Biblioteca Nacional de Roma guardam-se inúmeros testemunhos dessa abundantíssima produção. Algumas notas nos merecem os códices que consultámos: a espectacular demonstração da catolicidade da Companhia pela *tradução* da mesma *res* em dezenas de línguas; a pervivência de muitos temas humanísticos, como a apologia da eloquência, protrépticos dos *studia humaniora* ou variações de *hominis dignitate*; a frequente referência ao contributo de oradores portugueses; os testemunhos de estreita colaboração entre os jesuítas e Marc-Antoine Muret, vd. BNR, Mss. Gesuítici 241, *Riceimenti di Personaggi in Coll' Rom' con/ Prediche di varie lingue* (sobre o salmo 71 discursaram 24 pregadores em 24 línguas, na entrada de Henrique da Lotaríngia, discursaram 20 oradores em 20 línguas, o mesmo sucedendo na visita do arquiduque da Áustria em 1598); BNR, Ms. Fond. Gesuit. 176, fols. 24r-27v: «De hominis dignitate laudatio», fols. 34r-38r: «Oratio in funere Hippoliti Estensis», fols. 40r-41r: «Oratio gratulatoria», fols. 86r-93r: Praefatio in Classe Humanitatis, orações epidicticas em louvor dos santos.

<sup>586</sup> Vd. *Ratio* XVI.



unicamente nos tratados de Cícero, na *Retórica* e, subsidiariamente, também na *Poética* aristotélicas. O estilo importa tomá-lo exclusivamente do modelo ciceroniano, por isso apenas as *orationes* do Arpinate devem ser estudadas por forma a que os alunos possam compreender como o orador aplica os preceitos: «Stylus [...] ex uno fere Cicerone sumendus est, et omnes quidem eius libri ad stylum aptissimi, orationes tamen solae praelegendae, ut artis praecepta in orationibus expressa cernantur.»<sup>587</sup> As *virtutes* estilísticas que o professor considerará na correcção dos exercícios mantêm o escopo da *Tulliana imitatio*: *elegantia, concinnitas, numerus* (XIV.4). A regra seguinte enumera os tipos de trabalhos a realizar pelos alunos: imitação de um passo de um orador ou poeta, *commutatio* sinonímica, versão para latim de um discurso grego e vice-versa, *dissolutio* de um poema, composição de epigramas e epitáfios, recolha de *sentiæ* de oradores e poetas, adaptação de figuras retóricas a certos assuntos, descrição de pessoas, regiões, quintas, rios, fontes, jardins, montes, monstros, tempestades, itinerários, templos, banquetes; a *ekphrasis* ou *descriptio*, convém notar, constituía um dos *progymnasmata* mais conspícuos, figurava nos elencos de Téon, Hermógenes e Aftónio e, como vimos já, a sua importância era bem vinculada em manuais como a *Rhetorica* de Ringelberg editada em Coimbra (XVI. 5). A *praelectio* do retor deverá por conseguinte centrar-se em dois pontos capitais, na exposição dos *praecepta*, na exercitação do *stilus*, sob a égide exclusiva das *orationes* ciceronianas neste caso, seguindo a autoridade de Cícero e Aristóteles naquele (XVI.6). A preocupação principal, porém, residirá sempre na utilidade, pelo que deve concluir o professor mostrando como o preceito e o seu uso por Cícero se pode aplicar actualmente cuidando do *ornatus* e do *delectus uerborum* (XVI. 7). O comentário de um discurso ou poema observará também uma ordem precisa: primeiro exponha-se o sentido e apreciem-se as diversas interpretações, depois examine-se a técnica oratória, analisando a invenção, a disposição e a elocução; veja-se se o exórdio cumpre a sua função, de que lugares-comuns tira o orador os argumentos, quantos preceitos aplica no mesmo passo, como traduz a argumentação nas figuras de pensamento e como as recobre com as figuras de palavra; além destes elementos textuais cuide igualmente o mestre da *eruditio* referindo trechos

<sup>587</sup> Vd. *Ratio* XVI. 1-2.

semelhantes, máximas de autores célebres, procurando na história e na mitologia *chriac* e *exempla*; por fim examine-se atentamente a *proprietas*, o *ornatus*, a *copia* e o *numerus* (XVI.8). Poderão hoje parecer-nos excessivamente detalhadas estas prescrições, mas a sua fixação tinha em mente a eficácia, encontrar os meios mais adequados para atingir o fim proposto, orientação inteiramente de acordo com a pedagogia inaciana, tal como ela se oferecia nos *Exercícios Espirituais*<sup>588</sup>.

Na verdade uma das preocupações mais salientes ao longo da *Ratio Studiorum* é sem dúvida a utilidade. A primeira regra marca de imediato tal cuidado: «Considere o Padre Provincial com todo o empenho a sua obrigação de fazer com que ao grande labor das nossas escolas correspondam frutos em abundância.»<sup>589</sup> Entre os múltiplos deveres que cabem ao prefeito dos estudos, conta-se a responsabilidade de escolher e adquirir livros, a regra, porém, não deixa de indicar o critério a observar: «que os alunos não sintam falta de livros úteis nem abundância de livros inúteis.»<sup>590</sup> Em nome da eficácia as regras para todos os professores prescrevem que sejam evitadas as «opiniones inutiles, obsoletas, absurdas, manifesto falsas», desaconselham vivamente o ditado para que os alunos tomem nota apenas do essencial, afirmam o valor da repetição pela sua *utilitas*, recomendam que as disputas públicas, as *concertationes*, sejam em primeiro lugar frutuozas e úteis<sup>591</sup>.

Ora, em todo este processo que conduziu à elaboração da *Ratio* definitiva, na validação de directrizes, métodos e compêndios, nas tentativas de fixação de normas universais, grande foi o contributo

<sup>588</sup> Nesta perspectiva se entenderão os dois apêndices que fecham a versão definitiva; o segundo, elaborado a partir das respostas recebidas das províncias, apresenta modelos de lições para os professores de retórica e de humanidades, *praelectiones* modelares de discursos de Cícero e de um texto de Quinto Cúrcio. Embora elaborado sobre textos muito posteriores, o *De ratione discendi et docendi* e o *Candidatus rhetoricae* do P. Jouvency, pelo seu objecto, a *praelectio*, e pelo método hermenêutico estritamente jesuítico a que recorre, merece nota o livro de A. Collinot — F. Mazière, *L'exercice de la parole. Fragments d'une rhétorique jésuite*, Paris, Éditions des Cendres, 1987.

<sup>589</sup> Vd. *Ratio* I. 1: «omni studio curandum sibi putet praepositus provincialis, ut tam multiplici scholarum nostrarum labori fructus [...] abunde respondeat.»

<sup>590</sup> Vd. *Ratio* III. 29: «ne scholastici libris aut utilibus careant, aut abundant inutilibus.»

<sup>591</sup> Vd. *Ratio* IV. 7, 12, 17-18, XII. 8.

da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, dos seus mestres e da experiência dos seus colégios. Depois de Simão Rodrigues tomar posse de Santo Antão-o-Velho, a primeira casa da Companhia em todo o mundo, nesse mesmo ano de 1542 é fundado em Coimbra, a pedido de D. João III, o Colégio de Jesus<sup>592</sup>. A este se seguiram os colégios de Évora (1551), Lisboa (1553), Braga (1560), Bragança (1561), Funchal (1570) e Angra (1570). Dedicavam-se os jesuítas ao ensino público desde a inauguração do colégio de Santo Antão em 1553, no entanto foi a entrega do Colégio das Artes à Companhia em 1555 o acontecimento que mais veio marcar essa vertente da sua acção, até pelo esforço a que obrigou<sup>593</sup>.

Pelo *Catalogus lectionum Regii Gymnasii Conimbricensis* que o futuro reitor, o P. Leão Henriques, elaborou a partir de informações de um dos últimos professores leigos, ficamos a conhecer o estado em que se encontrava o Colégio das Artes a 4 de Março de 1555. Embora, por causa dos processos inquisitoriais, o quadro não fosse brilhante, mantinha-se o modelo dos tempos de André de Gouveia. Valerá a pena atentar nos conteúdos das dez classes de latim para os compararmos com o que os jesuítas passaram a ensinar depois de 1 de Outubro. Na primeira classe lia-se o *Pro Archia*, o canto IX da *Eneida* e as *Partitiones Oratoriae*; na segunda o livro I do *De inuentione*, as *Catilinárias* e o canto IV da *Eneida*;

<sup>592</sup> A aposta de Santo Inácio no estabelecimento da Companhia em Coimbra muito terá ficado a dever à excelente apreciação que o P. Simão Rodrigues fez do ensino na Universidade: «hallé los estudios mejores de lo que yo pensava, porque los lectores son muy buenos: en artes y gramática no tienen neçesidad de París.» Os elogios fizeram o seu efeito: dois anos depois, em 1544, doze estudantes jesuítas mudam-se de Lovaina para Coimbra, vd. G. Codina Mir, *op. cit.*, p. 207.

<sup>593</sup> Em carta ao Prepósito Geral Diego Laínez, datada de 12 de Outubro de 1564, o P. Miguel de Torres considera o colégio um sorvedouro de recursos humanos e o trabalho escolar um esforço enorme que limita drasticamente a possibilidade de os membros da Província desenvolverem outras missões: «Antes que tuviésemos el collegio de las artes de Coimbra, ordinariamente, sallian muchos theólogos a predicar por el reyno, y tratar en los ministerios proprísimos de la Compañía. Mas, después acá, todos parece que los consume este collegio con las muchas obligaciones que tiene juntamente con las de los otros desta provincia», vd. *Mon. Paed.*, III, pp. 362-365. Já numa carta de 6 de Junho de 1553 Santo Inácio se mostrava totalmente empenhado em corresponder satisfatoriamente às solicitações de D. João III anunciando o envio do doutor Nadal, pois ninguém se mostrava mais sabedor e competente do que ele na função de fundar escolas, vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 431-433.

na terceira cartas de Ovídio e de Cícero; na quarta as *Epistolae ad Familiares* de Cícero e os *Tristia* de Ovídio; na quinta os *Adelphoe* de Terêncio, cartas de Cícero e a *Arte* de António; na sexta a *Andria* de Terêncio, cartas de Cícero e uns *rudimenta* gramaticais; na sétima o *Heautontimorumenos* terenciano, *epistolae* de Cícero e os *rudimenta*; na oitava a *Andria* e os *rudimenta*; na nona os *Disticha Catonis* e os *rudimenta*; na décima os *Rudimenta*<sup>594</sup>. Ora, este programa no essencial apresenta grande coincidência com aquele que praticavam os jesuítas nos colégios de Messina, Palermo e Roma: os tratados ciceronianos e a *Eneida* nas classes mais adiantadas, as cartas de Cícero e os poemas de Ovídio nas classes mais elementares. Em Coimbra vigorará basicamente o mesmo cânone de autores, facto a que não será estranha a influência do P. Nadal.

As *Litterae quadrimestres* dão conta daquela espécie de *instauratio* que ocorreu no dia 1 de Outubro de 1555, de como Coimbra inteira assistiu à cerimónia — o anterior *gymnasiarcha*, Diogo de Teive, o Patriarca da Etiópia, João Nunes Barreto, o bispo de Coimbra, da enorme admiração que causou a oração inaugural do P. Pedro Perpilhão, de como os jesuítas escolheram bem o orador para aquele lance difícil. Nesse relato frisa-se a cooperação entre os antigos e os novos mestres, o significado da visita de Diogo de Teive e quanto lhe aprouveram as lições a que assistiu. Entre muitas outras informações referem-se também os autores que os alunos de humanidades começaram a ouvir: Homero e Demóstenes nas classes de grego, Ovídio, Cícero e Virgílio nas classes de latim<sup>595</sup>.

As diferenças mais salientes situam-se, portanto, no ensino gramatical e na progressiva exclusão das comédias de Terêncio. No entanto, como nos colégios sicilianos, há alguma relutância em aceitar as proibições de Santo Inácio. Em 1561 nas *Instruktionen de studiis humanitatis et rhetorices*, dadas pelo P. Nadal na sua visitação a

<sup>594</sup> Vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 644-645. Havia 29 pensionistas e ao todo 1070 alunos; trinta anos depois, quando a missão dos embaixadores japoneses passa por Coimbra, o Colégio das Artes terá dois mil alunos externos e à volta de duzentos da Companhia.

<sup>595</sup> Vd. *Mon. Paed.*, I, pp. 465-474. Uma visão mais realista, e pessimista, das dificuldades que a Companhia ia enfrentar dada a escassez de mestres bem preparados é-nos dada pelo Provincial Diogo Mirão em carta a Santo Inácio datada de 5 de Agosto desse mesmo ano de 1555, problema bem salientado por Margarida Miranda, *op. cit.*, p. 28.

Coimbra, manda-se o P. Cipriano Soares purgar e imprimir «todos los libros» de Horácio, Marcial, Catulo e Tibulo, mas quanto aos comediógrafos ordena-se também que «Trinummo y Aulularia se limpie quanto conviniere de lo mui antiguo y inusitado, y se impriman; y assi los Adelphos de Terencio, si se hizieren bien». De acordo com a mesma intenção recomenda-se que se imprima «el epitome de rhetórica», ou seja, o compêndio do P. Cipriano. Não é verdade, portanto, que os jesuítas desfavorecessem o contacto com as fontes clássicas; pelo contrário, fixam os textos antigos como únicos e exclusivos recursos escolares; por isso substituem artes modernas como os manuais de João Vaseu ou Joaquim Ringelberg pela selecta de retores clássicos coligida por Cipriano Soares<sup>596</sup>. A outra divergência verifica-se no ensino da gramática: a arte de Nebrija não se usa em Messina, nem em Roma ou Coimbra, apenas terá tido algum curso nos colégios espanhóis<sup>597</sup>. Primeiro, recorria-se às gramáticas

<sup>596</sup> *Mon. Paed.*, III, pp. 56-59. A preponderância da componente humanista da formação recebida por Santo Inácio leva-o a aprovar um cânone de autores inteiramente pagão; as suas reservas em relação a Terêncio e a outros autores latinos são meramente de ordem moral, o mesmo não se podendo dizer dos motivos das restrições que impõe à leitura dos modernos. Deste ponto de vista Santo Inácio está nos antípodas daqueles que no século XVI se compraziam em glosar S. Paulo quando diz «non enim misit me Christus baptizare, sed evangelizare: non in sapientia verbi, ne evacuetur crux Christi», 'sem recorrer à sabedoria da linguagem a fim de que não se torne inútil (fique esvaziada do seu conteúdo) a cruz de Cristo' (1 *Cor.* 1, 17). Uma certa atitude de rejeição da eloquência perdura e revive sobretudo nas retóricas sacras borromeanas a partir de passos desta carta paulina, vd. 1 *Cor.* 2, 1-5: «Et ego, cum venissem ad vos, fratres, veni non in sublimitate sermonis, aut sapientiae, annuntians vobis testimonium Christi [...] et sermo meus, et praedicatio mea non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis, sed in ostensione spiritus et virtutis.» Embora esta dimensão profética também defina Inácio de Loyola, tanto ele como sobretudo alguns dos seus companheiros de Santa Bárbara não esqueciam certamente que foi o mesmo Paulo de Tarso que pronunciou o discurso do Areópago (*Actos*, 17). «Quid ergo Athenis et Hierosolymis? Quid academiae et ecclesiae? Quid haereticis et christianis?», Tertuliano, *De Praescriptione Haereticorum*, 7.9. A Companhia de Jesus soube responder a estas velhas questões reactivadas por Lutero percebendo quanto Atenas podia servir para salvar Jerusalém. A este propósito, foi com muito prazer que lemos um ensaio de flagrante actualidade do P. John O'Malley, jesuíta e estudioso da oratória renascentista, vd. J. O'Malley, *Four Cultures of the West*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 2004.

<sup>597</sup> Vc. carta do P. Juan Bravo ao Geral Láinez datada de 24.9.1564: «en la gramática se señale un author a quien sigan y lean, que sea el que en las univer-

de Donato e Despautério, ao *De octo partium orationis constructionis libellus* de Erasmo ou até aos *Colloquia siue linguae latinae exercitatio* de Luís Vives; depois, nos anos de 1560, começam a surgir as primeiras tentativas de elaboração de um manual próprio, os *De primis latinae grammatices rudimentis* do P. Coudret, o *De grammatica* do P. Ledesma, os *Rudimenta* dos colégios de Coimbra e de Roma. Na verdade, desde cedo, muitos documentos da Companhia assinalam a falta de um compêndio gramatical; também aqui, como se sabe, o contributo português se revelará decisivo quando o P. Manuel Álvares publicar a sua obra em 1572.

Os *catalogi lectionum collegii conimbricensis* dos anos de 1562-1563 confirmam tal continuidade. Nas classes de grego liam-se os *Diálogos dos mortos* de Luciano tão apreciados pelo humanista de Roderdão<sup>598</sup>. Nas classes mais avançadas de latim alternavam Virgílio e as *orationes* e tratados de Cícero, nas mais baixas Ovídio e as cartas ciceronianas. No terceiro e no quinto grau, quer dizer, na segunda classe, de humanidades, e na terceira, a mais elevada de gramática, estudava-se a *Rhetorica Patris Cypriani*, nos níveis mais elementares o erasmiano *De octo partium orationis constructione libellus*. Só nos catálogos de 1565 se regista uma certa mudança, começando então a figurar também as tragédias de Séneca e na primeira classe, na classe de retórica, o livro III da *Institutio* de Quintiliano<sup>599</sup>. De facto, na vida do Colégio Real, como temos vindo a defender, são bem mais relevantes as linhas de continuidade do que as alterações introduzidas após 1555; mantém-se o essencial no plano de estudos, no regulamento disciplinar, na própria prática religiosa dos estudantes; passou a haver sem dúvida mais fervor nas devoções, mais cuidado na doutrina, mas sem alterações no horário quotidiano, porque ao cabo as próprias *Constituições* dos jesuítas desaconselhavam demasias devotas por distraírem os alunos do es-

sidades comunmente se lee, como es el Antonio o el que a V. P. pareciere» (*Mon. Paed.*, III, p. 361).

<sup>598</sup> Sobre a enorme repercussão que teve na cultura europeia vd. A. Costa Ramalho, *Luciano: Diálogos dos Mortos*, Coimbra, INIC, 1989, pp. 9-14.

<sup>599</sup> Vc. *Mon. Paed.*, III, pp. 581. Embora não se encontrem referências ao uso dos *commentarii* de António Pinheiro, não é de descurar tal hipótese uma vez que o P. Perpilhão lhes faz numa *oratio* proferida em Paris rasgados elogios, vd. *Petri Joannis Perpiniani Valentini Opera*, Roma, typis Nicolai et Marci Palearini, 1749, t. 1, oratio XVI: *Pro societate Iesu* (BNR, 6.23.B.35-37).



tudo: «que todos se confiessen a lo menos cada mes una vez, oyan misa cada día, y sermón cada día de fiesta que le uviere [...] los que pueden ser fácilmente constreñidos, constriñanse [...] los otros amorosamente se persuadan, y no se fuercen a ello ni se expelan de las escuelas por no lo hazer, con que no se vea en ellos disolución o escándalo de otros.»<sup>600</sup>

O contributo do Colégio das Artes para a definição do lugar da retórica nas escolas da Companhia foi significativo, mas muito ficou a dever sobretudo a duas figuras, aos Padres Perpilhão e Cipriano Soares, embora não seja de negligenciar também o papel dos Padres Miguel Venegas e Manuel Álvares. Os mestres das classes de humanidades e retórica tinham já granjeado em Lisboa enorme sucesso, a ponto de terem levado os seus alunos a apresentar conclusões de retórica na corte de D. João III, para grande contentamento do soberano. Além da influência de António Pinheiro, Azpilcueta Navarro e Martinho de Ledesma, homens ilustres que bem conheciam a nova ordem religiosa, à decisão de D. João III de confiar à Companhia o Colégio Real de Coimbra não terá sido alheio evidentemente o êxito do ensino retórico ministrado no Colégio de Santo Antão<sup>601</sup>.

#### 4.2. Pedro Perpilhão e o ensino da retórica na Companhia de Jesus

Na verdade, quando em 1555, Pedro João Perpilhão (Elche, 1530 — Paris 1566) voltou para Coimbra, com Manuel Álvares e Cipriano Soares, era já um orador consumado; por isso lhe confiaram os superiores o delicado encargo de apresentar perante os alunos e as autoridades académicas e religiosas a oração inaugural do novo ano escolar do Colégio das Artes doravante confiado à Companhia de Jesus<sup>602</sup>.

<sup>600</sup> Cf. *Const.* 4.16.1 (vd. *Mon. Paed.*, t. 1, pp. 306-309).

<sup>601</sup> Vd. Torquato Soares, «O ensino no Colégio das Artes de Coimbra: Os Conimbricenses», *Actas do I Congresso Nacional de Filosofia*, Braga, 1955, pp. 756-768.

<sup>602</sup> Vd. De causis cur societas Iesu collegia pu/blica suscipiat, Rexque Lusitaniae inuictis/simus Joannes tertius co/nimbricense collegium/ illi tradiderit, et/ de eius docen/di ratione/ oratio/ A P. Petro perpiniano/ Anno 1555 Kalendis Oct./ (BNL,

Sobre a vida e obra do P. Perpilhão muito útil ainda se mostra o estudo que compôs o seu editor setecentista, o jesuíta Pietro Lazzeri, mestre de História Eclesiástica no Colégio Romano durante mais de trinta anos<sup>603</sup>. Apoiando-se nas informações dos contemporâneos, nos polígrafos jesuítas e, sobretudo, nas cartas e *orationes* do humanista valenciano, Lazzeri relata os laboriosos quinze anos que Perpilhão viveu na Companhia de Jesus. Do período anterior pouco se pode apurar para lá de uma interessantíssima confissão feita pelo próprio P. Perpilhão:

Na minha juventude fui parar às mãos de professores não muito bons; enganado por eles acabei a estudar e a imitar autores que ninguém em seu perfeito juízo desejaria igualar. Embora me tivesse desviado do caminho certo, trabalhava então tanto quanto mo permitia a tenra idade, a verdade porém é que de dia para dia mais me afastava do que me propusera alcançar. Por fim, reconhecido o erro, decidi mudar de rumo e orientar todos os meus esforços para o estudo e conhecimento de Cícero. Só então comecei a entender o que significa exprimir-se com arte e elegância, só então pude entrever o verdadeiro rosto da Eloquência, não aquele que perdeu o brilho e a frescura juvenil, mas o autêntico,

Cód. 3308, pp. 1-17); Laudatio funebris Ludouici principis/ habita eodem anno Conymbricae mense/ Decembri/ A P. Petro ppiniano/ (BNL, Cód. 3308, pp. 18-27); *Petri Joannis Perpiniani Valentini e Societate Jesu Opera*, Roma, typis Nicolai et Marci Palearini, 1749 (BPMP, N-6-11; BNR, 6.23.B.35-37). A obra de Perpilhão, ainda relativamente extensa apesar da vida breve do autor, foi editada nos séculos XVII e XVIII pelos Padres Vavasseur e Pietro Lazzeri; este acrescentou-lhe um estudo *De vita et scriptis Petri Joannis Perpiniani*, vd. *Petri Joannis Perpiniani Soc. Jesu Aliquot Epistolae ubi, praeter caetera, de artis rhetoricae locis communibus, ac de juventute Graecis Latinisque literis erudienda agitur. Proferre in lucem coeperat ex eadem societate. Franciscus Vavassor*, Paris, apud Viduam Claudii Thiboust et Petrum Esclassan, 1683 (BNR, Misc. Val. 1892); *Petri Lazzeri Soc. Jesu de uita et scriptis Petri Joannis Perpiniani Diatriba*, Roma, typis Nicolai et Marci Palearini, 1749 (BPMP, N-6-10).

<sup>603</sup> Importante para o conhecimento do humanista é também o trabalho de B. Gaudeau, *De Petri Joannis Perpiniani uita et operibus*, Paris, 1891. Ambos os textos foram recensados na recente biografia que do P. Perpilhão traçou Helena Toipa no seu estudo sobre as *orationes* pronunciadas em Portugal pelo mestre jesuíta, vd. Helena Toipa, *A obra de Pedro João Perpilhão em Portugal, ad maiorem Dei gloriam*, dissert. de doutoramento, Viseu, UCP, 2000.